

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO (PPGL) – MESTRADO EM LETRAS

Carla Regina Leiffert

**O CARÁTER REVOLUCIONÁRIO DAS PERSONAGENS FEMININAS DO
ROMANCE A *MULHER HABITADA*: A PERSPECTIVA AMOROSA E A LUTA
POLÍTICA**

Santa Cruz do Sul

2018

Carla Regina Leiffert

**O CARÁTER REVOLUCIONÁRIO DAS PERSONAGENS FEMININAS DO
ROMANCE A *MULHER HABITADA*: A PERSPECTIVA AMOROSA E A LUTA
POLÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa em Processos Narrativos, Comunicacionais e Poéticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Eunice T. Piazza Gai

Dra. Eunice Terezinha Piazza Gai
Professora orientadora-UNISC

Dr. Demétrio de Azeredo Soster
Professor examinador-UNISC

Dra. Cecil A. J. Zinani
Professora examinadora - UCS

Santa Cruz do Sul

2018

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar mais uma etapa de imenso aprendizado gostaria de agradecer a todos que dividiram alguma parte do caminho comigo. Um desafio que compartilhei com pessoas muito especiais que estiveram presentes em um dos momentos mais importantes da minha vida: o mestrado.

Agradeço as oportunidades que tive desde que entrei no Curso de Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, sim, eu tive o privilégio de estudar, eu sou a primeira da família a fazer uma faculdade e adentrar em uma pós-graduação.

Agradeço a minha vó Romilda, que é um anjo lá no céu a me guiar desde os dez anos, quando ela partiu, e me deixou um legado de uma mulher forte e sonhadora. Ela é minha inspiração.

Agradeço minha família pelo apoio incondicional, por ter um lugar para voltar quando preciso de um colo e uma conversa boa sobre assuntos banais. A base de menina de interior que vocês me deram me tornaram a pessoa que sou. Aprendi que as coisas simples da vida é que realmente tem valor.

Agradeço ao meu marido, Marcelo, pela amorosidade com que enfrentou as adversidades, por ter adiado outros objetivos para viver esse sonho comigo. Pela dedicação grandiosa que teve com a nossa casa e a compreensão de madrugadas de estudo e ausência nos nossos primeiros anos de casamento. Você é essencial nessa conquista e faz parte de toda a trajetória.

Agradeço aos meus amigos pelo incentivo nos momentos difíceis, em especial Simone e Leticia, que me estenderam a mão nesses dois anos quando precisei de um trabalho temporário para continuar firme no meu propósito.

Aos meus colegas do mestrado por compartilhar o intenso período de estudos nas disciplinas e na pesquisa.

À minha estimada orientadora, professora Dr. Eunice Piazza Gai, meu muitíssimo obrigado por ter me despertado para a pesquisa quando ainda era aluna do Curso de Letras e ter me oportunizado, naquele momento, ser sua bolsista voluntária. Gratidão pelos ensinamentos, pela paciência, pela generosidade, pelo amor que tens pela Literatura.

À CAPES que possibilitou, através da bolsa, a realização dessa pesquisa.

Meu muito obrigada,

a Literatura abre mundos inimagináveis e me possibilita um aprendizado imensurável.

XI

*El amor de mi hombre
no querra rotularme o etiquetarme,
me dara aire, espacio,
alimento para crecer y ser mejor,
como una Revolucion
que hace de cada dia
el comienzo de una nueva victoria.*

(Fragmento do poema “Reglas del juego para los hombres que quieren amar a mujeres”. In.: *Poemas e otros escritos*, de Gioconda Belli)

RESUMO

A presente dissertação se propõe a interpretar o romance *A mulher habitada* (2000), de Gioconda Belli, a partir de alguns aspectos constituintes da narrativa, tais como o ponto de vista das personagens femininas, a temática amorosa e as questões históricas e contextuais. Para realizar a pesquisa, busca-se, em primeiro lugar, refletir sobre a perspectiva hermenêutica enquanto norte do processo interpretativo que coloca autor/texto/leitor em estreita relação. No desenvolvimento do trabalho, procede-se a uma apresentação da história da Nicarágua, enfocando a relação com a conquista espanhola bem como com a ditadura vigente no país e retratada no romance de Belli. Além disso, apresenta-se aspectos da vida da autora, ativista política no período histórico em questão, bem como uma revisão a respeito da bibliografia crítica da obra aqui considerada. Constatando-se que a maior parte da crítica enfatiza aspectos da crítica feminista e das questões relacionadas ao espaço social e político da mulher na sociedade e observando-se que a temática amorosa também constitui um viés importante na obra, o último capítulo é dedicado à exploração desse aspecto. A partir do mito de Tristão e Isolda e de algumas das principais teorias sobre o amor no ocidente, considera-se os relacionamentos revolucionários de Lavínia e Itzá e a impossibilidade de realização amorosa.

Palavras-chave: *A mulher habitada*. Personagens Femininas. Gioconda Belli. Amor. Romance.

RESUMEN

La presente disertación se propone a interpretar la novela *La mujer habitada* (2000), de Gioconda Belli, a partir de algunos aspectos constituyentes de la narrativa, tales como el punto de vista de los personajes femeninos, el tema amoroso y las cuestiones históricas y contextuales. Para realizar la investigación, se ha buscado, en primer lugar, reflexionar sobre la perspectiva hermenéutica mientras norte del proceso interpretativo que coloca autor/texto/lector en estrecha relación. En el desarrollo del trabajo, se ha procedido a una presentación de la historia de Nicaragua, con enfoque en la relación con la conquista española bien como con la dictadura vigente en el país y retratada en la novela de Belli. Además, se presenta aspectos de la vida de la autora, activista política en el período histórico en cuestión, así como una revisión a respecto de la bibliografía crítica de la obra aquí considerada. Se ha constatado que la mayor parte de la crítica enfatiza aspectos de la crítica feminista y de las cuestiones relacionadas al espacio social y político de la mujer en la sociedad y se ha observado que el tema amoroso también constituye una propensión importante en la obra, el último capítulo es dedicado a la exploración de este aspecto. A partir del mito de Tristán e Isolda y de algunos de las principales teorías sobre el amor en el occidente, se considera los relacionamientos revolucionarios de Lavinia e Itzá y la imposibilidad de la realización amorosa.

Palabras clave: *La mujer habitada*. Personajes Femeninos. Gioconda Belli. Amor. Novela.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	PERSPECTIVAS TEÓRICAS, HISTÓRICAS E CRÍTICO-LITERÁRIAS PARA O ESTUDO DA OBRA DE GIOCONDA BELLI	10
2.1	A visão hermenêutica	11
2.2	Vida e obra de Gioconda Belli	18
2.3	Aspectos históricos e sociais e a obra de Gioconda Belli.....	20
2.3.1	Quem habita essa terra	29
2.3.2	A mulher e o espaço histórico	33
3	O ROMANCE <i>A MULHER HABITADA</i> : PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS	37
3.1	Acerca do enredo	37
3.2	<i>A mulher habitada</i> na visão de alguns críticos.....	45
4	A TEMÁTICA AMOROSA.....	58
4.1	O que é o amor?	59
4.2	O mito do amor irrealizado: Tristão e Isolda	60
4.3	A visão de Rougemont e Wisnik	62
4.4	O amor impossível no romance <i>A mulher habitada</i>	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

No primeiro trabalho de envolvimento em pesquisa, na monografia do curso de Letras, me descobri encantada por literatura que abordasse a mulher numa perspectiva social e política. Naquele momento da minha vida acadêmica o objeto de estudo era a mulher gaúcha frente aos desafios da Revolução Farroupilha, no século XIX. Quando adentrei no mestrado às narrativas referentes à história de lutas de mulheres envoltas na sociedade me mostraram cada vez mais o caminho que gostaria de seguir no estudo da Literatura. Por isso, com o apoio da minha orientadora, Professora Eunice Piazza Gai, que me apontou caminhos, que me fez sentir o texto, subjetivo, transmissor do sentimento humano, pude perceber a importância da interpretação.

Nesse processo, também, afirmei a vontade de me voltar a área de humanas pois o intuito da pesquisa não era confrontar estruturas no texto e sim, sentir da forma mais absoluta o sentido que o texto trouxe para minha vida.

Inicialmente, eu e minha orientadora, penetramos profundamente na interpretação e por isso, no nosso estudo, esclarecemos a perspectiva hermenêutica da nossa pesquisa em um primeiro momento como norte do processo interpretativo que estreita a relação de autor/texto/leitor. A leitura da obra *A mulher habitada* segue essa perspectiva hermenêutica capaz de sentir o texto. Segundo Bosi (2003, p. 462) “Ler é colher tudo quanto vem escrito. Mas interpretar é eleger (ex-legere: escolher), na messe das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no enlaço da questão crucial: o que o texto quer dizer?”

Essa forma de interpretação é fundamental para que se possa dar voz à narrativa e importância à relação do texto com o leitor. Nessa perspectiva, ainda, Palmer (2011, p.21) aponta que “uma obra literária não é um objeto que compreendemos através da conceptualização ou de análise; é uma voz que devemos ouvir e ‘ouvindo-a’ (mais do que vendo-a) compreendemo-la.”

Encontramos aspectos importantes na narrativa tais como o ponto de vista de personagens femininas, a temática amorosa e as questões históricas e contextuais que abarcam a obra. Acreditamos que a escritura de um texto representa o espaço e o tempo em que as personagens estão introduzidas na sociedade e que a Literatura aborda de forma relevante para a nossa reflexão quando nos deparamos com o texto.

Assim, a partir dessa perspectiva iremos abordar uma obra que abarca um contexto social do século XX, mais especificadamente, na década de 70, que apresenta a vida de duas

personagens, Itzá e Lavínia. A primeira é uma índia que reencarna em árvore e revive, através da narração, a colonização espanhola na Nicarágua. Já Lavínia vive um tempo de ditadura e as suas histórias se encontram quando elas enfrentam a sociedade perante um anseio maior: o amor e a pátria.

O romance de Gioconda Belli revive esses tempos de revolução na sociedade revelando na narrativa a vida de duas personagens femininas significativas para a construção da história. Portanto, iremos privilegiar a interpretação dessas personagens femininas na obra, Itzá e Lavínia, para abranger as questões políticas e as relações amorosas que estão envoltas na trama.

No primeiro capítulo falaremos sobre a Hermenêutica e alguns estudiosos que fizeram uma abordagem significativa para essa forma de interpretação. Os estudos apontam para a escuta do texto e não veem essa perspectiva interpretativa como uma metodologia. Consideram a experiência que temos de mundo como uma maneira importante de compreender e de aprofundar as questões abordadas nos textos literários.

Além do aspecto interpretativo, também consideramos o envolvimento que a autora tem com as questões sociais e políticas do seu país. Logo, apresentamos pontos relacionados com a biografia de Belli que também estão retratados no romance a partir da constituição e trajetória das personagens.

No segundo capítulo, apresentamos o enredo da obra e fizemos uma revisão a respeito da bibliografia crítica da narrativa. Constatamos que a maior parte da crítica enfatiza aspectos do feminismo e das questões relacionadas ao espaço social e político da mulher na sociedade.

Dessa forma percebemos que os estudos não abordavam a temática amorosa e por isso, o nosso último capítulo explora essa visão. Para tal abordagem, estudamos o mito do amor na sua origem em Tristão e Isolda. Em seguida, buscamos estudiosos como Rougemont e Wisnik para entendermos a temática amorosa no Ocidente a partir do mito. E por fim, interpretamos na obra aspectos que nos levaram a compreender o amor das personagens femininas em um sentimento que não se realiza, que vive entre conflitos e assim, se manifesta revolucionário, tanto no tempo da colonização espanhola como na ditadura, na Nicarágua.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS, HISTÓRICAS E CRÍTICO-LITERÁRIAS PARA O ESTUDO DA OBRA DE GIOCONDA BELLI

Este capítulo aborda uma obra cuja leitura, a partir do momento em que foi realizada, deixou marcas profundas em nós leitoras. Nessa perspectiva colocamo-nos nesse lugar que questiona e procura algumas respostas no texto. O que move alguém a escrever, ou melhor, por que através da Literatura podemos alcançar vozes inimagináveis? Ouvimos essa voz que se mostrava no texto e a emoção que entornava aquelas palavras. A linguagem proporciona significado e faz sentido compreendermos, sentirmos o que nos move nas linhas que lemos. Quando nos deparamos com o texto parece que elegemos aquela temática, no entanto, hoje parece o livro nos escolher, e mais, tem algo que nos prende a ele.

Por que uma escritora nicaraguense? Por que o romance *A mulher habitada* já que Gioconda Belli escreve poemas e outros romances? Essa obra nos remete a vários temas importantes e as obras de Belli, em geral, tratam de assuntos como o feminismo, a política, o amor à pátria e ao corpo. Assuntos esses, pertinentes a nossa sociedade. A Nicarágua chega até nós através do texto. É Gioconda que nos apresenta seu país. A obra escolhida mostra o que habita no fundo da alma de cada mulher e encontramos uma voz que aborda intensamente a vivência e a sobrevivência da mulher na sociedade.

A América Latina sempre foi, historicamente, um lugar interessante a desvendar. O acesso que temos às pessoas, culturas e, sobretudo à sociedade está exposto nas entrelinhas de um texto. A Literatura latino-americana é muito expressiva, tendo em vista os autores que contam e recontam histórias fascinantes usando como pano de fundo o nosso continente. Escolhemos Gioconda Belli porque ela consegue através da poesia impulsionar as mesmas temáticas do romance.

Nessa pesquisa enfatizamos a interpretação e o que ouvimos no texto. A hermenêutica possibilitou essa escuta. Através dela podemos perceber a pureza da criação numa perspectiva histórica e da vida da escritora que influenciaram a obra e impulsionaram um aspecto da interpretação. Consideramos estudiosos da hermenêutica como Hans-Georg Gadamer com o livro *Verdade e Método I* que direciona historicamente essa voz no texto. Também, nessa perspectiva, Richard Palmer, no livro *Hermenêutica*, faz uma abordagem significativa e importante sobre a interpretação literária, além de Ernildo Stein que, na obra *Aproximações sobre a hermenêutica*, apresenta um panorama de autores que estudaram e publicaram a respeito do tema. Alfredo Bosi, no texto “A interpretação da obra literária” foi de grande valia

para pensarmos o literário e assim, desenvolver o presente trabalho, além de outros autores não menos relevantes.

Antoine Compagnon, na obra *O demônio da teoria, literatura e senso comum* nos proporciona uma reflexão acerca dos estudos literários e de como alcançar uma coerência na interpretação: entrelaçando autor\texto\leitor. Nessa perspectiva nos questionamos: o que o texto quer dizer?

2.1 A visão hermenêutica

Esse trabalho aborda a Literatura de forma que se faz necessário adotar uma interpretação capaz de vislumbrar o texto. Abarcar uma maneira em que a obra literária alcance o leitor e que dê conta da magnitude da interpretação de uma forma que o autor, o texto e o leitor possam fazer sentido na obra literária e mais, que o texto possa trazer um significado quando chega a nós. Segundo Compagnon (2014) quando tratamos de textos literários procuramos fatos que comprovem suas causas históricas como “vida do autor, quadro social e cultural, intenções atestadas, fontes.” (p. 22). Ou seja: “o paradoxo salta aos olhos: você explica pelo contexto um objeto que lhe interessa precisamente porque escapa a esse contexto e sobrevive a ele.”

O que é literatura? Ela nos proporciona a viagem mais longínqua sem sairmos do lugar, nos move ao fantástico sem realmente vivermos dessa forma, e ainda, através dela podemos tentar compreender o comportamento humano. A importância de quem recebe o texto é fundamental para dar sentido ao mesmo: “o leitor, e não o autor é o lugar onde a unidade do texto se produz, no seu destino, não na sua origem.” (COMPAGNON, 2014, p. 51).

Para essa pesquisa faz-se necessário um aprofundamento sobre a maneira como pensamos essa interpretação já que existem formas distintas de olhar para o texto. Ao ouvir o verbo ‘interpretar’ nos parece que, equivocadamente, nos damos o direito de abordar o texto de uma maneira deliberada.

A hermenêutica é uma atitude que adotamos para fazer a escuta do texto. De acordo com Richard Palmer, a etimologia da palavra hermenêutica remete ao grego *hermeneuein*, interpretar, ou *hermeneia*, interpretação. A palavra também é associada a Hermes, o deus grego mensageiro, cuja função é “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão

humana em algo que essa inteligência consiga compreender” e a quem “os Gregos atribuíram a descoberta da linguagem e da escrita” (PALMER, 2011, p.23).

Essa interpretação tem uma fundamentação histórica relevante para que possamos entendê-la nessa perspectiva. Segundo Palmer (2011, p.44):

O significado mais antigo e talvez o mais difundido da palavra hermenêutica se refere aos princípios da interpretação bíblica e que há uma justificação histórica para esta definição, visto que a palavra encontrou o seu uso atual precisamente quando surgiu a necessidade de regras para uma exegese adequada das Escrituras.

Nos tempos mais antigos a interpretação bíblica era feita por determinado sacerdote que sabia ler e, portanto, passava a mensagem aos fiéis oralmente. Essa prática já era considerada pelos povos antigos, dando a determinadas pessoas o poder de interpretar e esclarecer a palavra escrita.

Para se manifestar na filosofia a hermenêutica percorreu um longo caminho. Nos estudos de Schleiermacher a interpretação filosófica se desvincilhou da interpretação universal, aquela vista mais pela questão religiosa e catequizadora. Gadamer (1996, p.118) aborda essa mudança de paradigma na hermenêutica de Schleiermacher:

incitado por F. Schlegel, desvincilhou a hermenêutica, enquanto teoria universal da compreensão e do interpretar de todos os momentos dogmáticos e ocasionais. Para ele, esses momentos só se justificam secundariamente, numa versão bíblica específica [...]. Mas por detrás dessa concepção de Schleiermacher sobre a hermenêutica geral não havia um interesse teológico, científico e político, mas uma motivação filosófica.

Como podemos perceber a hermenêutica é considerada no seu início como um método a ser adotado. O texto deveria passar por um forte posicionamento metodológico-interpretativo. Heidegger foi um dos precursores para mudar essa concepção. Palmer (2011, p. 145) afirma nos seus estudos acerca de Heidegger que este “ultrapassou concepções anteriores ao encarar a compreensão, não como um processo mental, mas como um processo ontológico, não como um estudo de processos conscientes e inconscientes, mas como uma revelação daquilo que é real no homem”.

A partir dos pensamentos de Gadamer e até de seus contrapontos com os estudiosos anteriores que se percebe a mudança da percepção da interpretação. Ela é muito mais uma escuta, um deixar-se levar pelo texto do que algo que podemos estruturar em partes e obter informações a respeito do que significa.

A hermenêutica é vista como “a arte de interpretar os textos”. Tornou-se “a ciência da interpretação de todos os textos e o próprio fundamento da filologia e dos estudos literários.” (COMPAGNON, 2014, p.59). Na sua origem, ela pretende, como afirma Hans-Georg Gadamer (1996, p. 186):

Restabelecer o “mundo” ao qual pertence, restituir o estado original que o criador tinha “em vista”, executar a obra no seu estilo original, todos esses meios de reconstituição histórica teriam, pois, a pretensão legítima de tornar compreensível a verdadeira significação de uma obra de arte e protegê-la da incompreensão, e de uma atualização falsa [...] O saber histórico abre a possibilidade de restituir o que está perdido e de restaurar a tradição, na medida em que ele dá vida ao ocasional e ao original. Todo esforço hermenêutico consiste, pois, em reencontrar o “ponto de ancoragem” no espírito do artista, único meio de tornar plenamente compreensível a significação de uma obra de arte.

Gadamer, no seu livro *Verdade ou método I* (1996), aponta várias questões acerca do sentido do texto. Ele o faz na perspectiva de compreender fatores que envolvem a interpretação como a intenção do autor que vinha sendo debatida por outros estudiosos e até mesmo o contexto em que esteve inserido o autor e posteriormente está envolvido o leitor.

Até onde vai o entendimento do texto? O sentido de uma obra literária não termina nas intenções do autor, portanto “quando um texto passa de um contexto histórico ou cultural a outro, novas significações se lhe aderem, que nem o autor nem os primeiros leitores haviam previsto.” (COMPAGNON, 2014, p. 63).

O contexto é relevante para o texto ser compreendido porque precisamos olhar para o mundo a qual pertencia a obra escrita. Essa história não pode dar conta de envolver pessoas em um espaço isolado e que não busque conexões. Para isso Compagnon (2014) reafirma as palavras de Gadamer (1996) “toda interpretação é contextual” visto a amplitude que cerca quem escreve e a quem se remete o texto. O hermeneuta é capaz de enxergar e ouvir o texto para chegar a uma interpretação que faça sentido no contexto. Como conclui Compagnon (2014, p.63):

Toda interpretação é então concebida como um diálogo entre passado e presente, ou uma dialética da questão e da resposta. A distância temporal entre o intérprete e o texto não precisa ser preenchida, nem para explicar nem para compreender, mas com o nome de *fusão de horizontes* torna-se um traço inelutável e produtivo da interpretação: esta, como ato, por um lado, faz o intérprete ter consciência de suas ideias antecipadas, e por outro, preserva o passado no presente. A resposta que o texto oferece depende da questão que dirigimos de nosso ponto de vista histórico, mas também de nossa faculdade de reconstruir a questão à qual o texto responde, porque o texto dialoga igualmente com sua própria história.

O escritor e o texto não conseguem controlar o receptor: “O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro.” (COMPAGNON, 2014, p. 142).

Ernildo Stein, no seu livro *Aproximações sobre Hermenêutica* (1996) faz uma reflexão a partir das leituras que realizou sobre essa perspectiva de interpretação. O autor aborda a linguagem como centro da interpretação e a coloca em dois vieses: a fundamentação e a racionalidade. “Resume-se numa tentativa de expor a relação entre racionalidade e discurso, ou, ainda, numa direção em que já se opta por uma espécie de corrente filosófica. Uma direção que aponta para a relação entre hermenêutica e linguagem” (STEIN, 1996, p. 09). Segundo o autor não podemos falar do mundo sem falar de linguagem, o humano é feito de linguagem, (1996, p.18):

A interpretação é hermenêutica, é compreensão, portanto, o fato de nós não termos simplesmente o acesso aos objetos via significado, mas via significado num mundo histórico determinado, numa cultura determinada, faz com que a estrutura lógica nunca dê conta inteira do conhecimento, de que não podemos dar conta pela análise lógica de todo processo do conhecimento. Ao lado do processo lógico dos processos cognitivos precisamos colocar a interpretação. Os lógicos quando fracassam em certos tipos de argumentação, dizem: Aqui temos que nos tornarmos menos precisos, temos que decair para a interpretação.

A interpretação é subjetiva e não pode ser palpável, ela é abstrata e na maioria das vezes tem relação com o sentimento humano. O leitor se identifica com o texto, com o tema, com as personagens, enfim, com o mundo que cerca determinada linguagem. Assim, conhecemos histórias que se confundem com a nossa própria vida ou até mesmo nos levam ao mundo desconhecido. Essa compreensão é desafiadora, pois com ela alcançamos um significado do texto que ultrapassa a lógica, nos deixamos levar ao inimaginável.

Relevante salientar como a obra literária interage com o momento do leitor porque mesmo que o texto aborde outro espaço, outro tempo, nos identificamos com a relação humana que existe em todas as histórias. As abordagens podem ter inúmeras formas diante de um leitor, mas as emoções que ligam o ser humano são, geralmente, as mesmas. No entanto, acreditamos, muitas vezes, que os clássicos podem não fazer sentido em certo momento de nossas vidas e não o fazem. Logo, necessitamos nos tornar leitores maduros e conscientes para que a literatura tenha uma significação. A hermenêutica possibilita ao leitor esse acesso,

o sentir do texto que é único a cada leitor. Tornamo-nos parte do texto. Como explica Stein (1996, p. 25-26) neste trecho:

O compreender não existiria se não soubesse, se não compreendesse o contexto. Essa é a grande questão: pensar as condições de possibilidade de uma relação entre sujeito e objeto, em que sujeito e objeto não se separam inteiramente porque na relação sujeito-objeto que aparece na frase, compreendo o que está ali, dito na frase, mas só compreendo porque antes já sempre compreendo o que significa pronunciar uma frase, pronunciar algo que tenha um sentido. Portanto, compreender significa ao mesmo tempo *uma qualidade* que tenho para comunicar, dizendo algo compreensível e compreendendo aquilo que é dito e *um modo* de existir como a existencial compreensão.

Para Stein, a ideia do sentido é o tema principal da hermenêutica. Ela “procura libertar-se desses dois mundos – o universo teológico e o universo ontológico.” Essa perspectiva não se opõe a algo, “mas nela se faz um esforço de conquista de um espaço do discurso humano que não seja mais comparado com algo.” (STEIN, 1996, p. 36-37).

Mais do que buscar uma explicação de um mundo divino e ideal a hermenêutica se apropriou de metáforas a partir do comportamento humano. Essa concepção nos distanciou de verdades absolutas, possibilitando assim, a relativização de certos padrões ditos ‘modelos’. A hermenêutica é “esta incômoda verdade que se assenta entre as duas cadeiras, quer dizer, não é nem uma verdade empírica, nem uma verdade absoluta – é uma verdade que se estabelece dentro das condições humanas do discurso e da linguagem.” (STEIN, 1996, p. 45) A partir dessa libertação “começamos a perceber que os diversos campos da filosofia, que antes eram determinados a partir do mundo natural, poderiam ser multiplicados ao infinito através da inventividade humana.” (STEIN, 1996, 39).

A interpretação realizada por um hermeneuta busca encontrar algo a mais, ofuscado, maquiado pela escrita. É, inclusive, um aprofundamento do texto. Ernildo Stein (1996, p.52) salienta:

A hermenêutica é capaz de perceber as tradições filosóficas que ela mesmo supera. Pela visão crítica dos textos ela é capaz de ver nelas mais do que elas são capazes de ver. A tradição hermenêutica começou a colocar a questão do ler entre as linhas, a descobrir, atrás do texto, o texto não escrito, na medida em que mais que a verdade do texto, no texto está o sentido que envolve, abrange e carrega a verdade do texto, através dos processos históricos e culturais.

Mais uma vez a teoria busca na cultura e na contextualização histórica a ferramenta para atingir uma boa compreensão do texto. Alfredo Bosi no texto “A interpretação da obra

literária” (1988) enfatiza a questão de *o que o texto quer dizer*, devemos fazer a escuta desse texto para delinear o sentido da obra. O estudioso trata o texto como um enigma a ser desvendado porque para ele “ler é colher tudo que vem escrito. Mas interpretar é eleger (ex-legere = escolher), nas menses das possibilidades semânticas, apenas aquelas que se movem no encaixe da questão crucial.” (BOSI, 1988, p. 275).

Para o leitor ele deixa a relação de mediador, “ele trabalha rente ao texto, mas com os olhos postos em um processo formativo relativamente distante da letra.” (BOSI, 1988, p. 277). No entanto o querer-dizer pode ser amplo e para isso o leitor necessita poder ver esse texto com critérios e coerência. Bosi (1988, p. 286) alerta para uma interpretação equívoca:

O discurso do hermenauta conserva o calor que as ondas da escrita lhe comunicaram, mas a mesma fidelidade ao texto leva-o a apartar-se do efeito imediato da leitura, e a fazer perguntas sobre o sentido daquelas figuras que não cessam de atraí-lo para o seu círculo mágico.

Nesse texto, Bosi nos coloca frente a uma perspectiva possível do leitor, e a partir disso texto-leitor precisam unificar o sentido para conseguir interpretar de forma coerente e responder à pergunta que abre o texto: o que quer dizer? Novamente, a escuta, o deixar levar-se pelo texto é uma maneira importante de interpretá-lo. Também, evitar deixar-se envolver pelas teorias que abarcam a obra. Períodos literários também apontam características prévias e não menos importantes, mas que devemos saber distanciar do texto em si. Bosi (1988, p. 287):

O fato de a interpretação manter-se rente ao processo da escrita não lhe tira a liberdade enquanto consciência histórica e crítica [...] refazer a experiência simbólica do outro cavando-a no cerne de um pensamento que é teu e é meu, por isso universal, eis a exigência mais rigorosa da interpretação.

Segundo Palmer (2011, p.21) “Uma obra literária não é um objeto que compreendemos através da conceptualização ou da análise; é uma voz que devemos ouvir e ‘ouvindo-a’ (mais do que vendo-a) compreendemo-la”. Nessa percepção, também se confirma que não podemos separar obra do autor. E para isso o leitor deve considerar todo o processo de escrita e não apenas o resultado da obra. O olhar da hermenêutica em um texto leva em consideração o todo, não é prudente, um leitor experiente fragmentar o texto. Pouco ele vai dizer sobre si e menos ainda do texto.

Da obra é importante extrair o que ele diz sobre o humano, sobre os valores da sociedade e da vida. Não podemos separar o conhecimento de nós mesmos. O leitor-texto-autor se transforma em um só para dar sentido à história.

Como afirma Richard Palmer (2011, p.21), “compreender uma obra literária não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para um mundo de conceitos; é um encontro histórico que apela para a experiência pessoal de quem está no mundo”. Existe um confronto de histórias, onde muitas vezes o leitor se transporta para outra época. Por isso o conhecimento prévio histórico e cultural faz sentido para a interpretação como para o leitor que se deixa levar por outras culturas e conhecimentos. Retomando as ideias de Gadamer (1997, p. 492), que introduz a hermenêutica para o contemporâneo:

É verdade que um texto não nos fala como o faria um tu. Somos só nós, que compreendemos, que temos de trazê-lo à fala a partir de nós mesmos. Mas já vimos que esse trazer-à-fala, próprio da compreensão, não é uma intervenção arbitrária de uma iniciativa pessoal, mas se refere, por sua vez, como pergunta, à resposta latente no texto.

Para compreender o mundo a filosofia tem um papel fundamental. O humano é seu objeto de estudo. A hermenêutica filosófica, portanto, como aborda Alves (2011, p. 11):

constitui-se como um empreendimento teórico cujo objetivo é reestruturar a argumentação filosófica para aquilo que lhe é próprio. Trata-se de compreender o mundo e interpretá-lo, de averiguar como o mundo afeta o homem e como o homem reage em relação ao mundo. Assim, essa racionalidade busca explicitar o sentido das coisas para o homem.

A ênfase no ser humano, nas emoções, na subjetividade é prioridade para esse tipo de interpretação. O conhecimento, o poder cognitivo da sociedade não pode ser delimitado por razões objetivas, exatas. A hermenêutica visa a experiência do ser humano na sua essência, na pureza do indivíduo. Rohden (2002, p. 44):

O ser humano não pode ser reduzido a uma máquina ou a um simples animal comandado por seus genes, instintos, carências, condicionamentos, forças culturais. Na concepção de filosofia que se reduz a um conjunto de símbolos matemáticos não há espaço para a liberdade, a criatividade, a ética, a política, a metafísica. Uma concepção de filosofia que não leva a sério esses aspectos antropológicos deveria ser revista e ampliada.

A experiência é imprescindível para a interpretação porque nela está contido o verdadeiro sentido de ser humano: o estar no mundo e vivenciar a história, portanto se é um sujeito inserido num contexto. Alves (2011, 194) comenta:

A experiência mostra que aquilo que o sujeito pensa previamente do objeto não é tal qual o objeto se mostra na experiência. Vale dizer, há sempre há algo no objeto que ainda não foi percebido. A negatividade da experiência não pode ser entendida como mero engano. Mas sim, como a possibilidade de compreender mais o objeto, numa sequência de experiências, isso porque uma experiência não esgota todo o sentido do objeto.

Vivemos em linguagem e por isso a nossa experiência com o objeto pode terminar, mas a interpretação que faremos desse mesmo objeto e a experiência é diversa. É isso que acontece com os textos. Eles, os textos, possibilitam ‘experienciar’, porém a interpretação pode ser profunda e isso depende da nossa escuta hermenêutica, da nossa capacidade de viver com amorosidade e pureza a obra literária.

A Literatura nos proporciona essa interação constante com a experiência vivida e expressa através do texto escrito, propiciando-nos a oportunidade de vislumbrarmos um mundo afora, imaginarmos lugares e descobriremos sentimentos profundos que se transportam através da linguagem. A pesquisa será desenvolvida a partir de um ponto de vista hermenêutico e ela nos levará a uma compreensão mais profunda do romance *A mulher habitada*, de Gioconda Belli. Privilegiamos, em nosso percurso interpretativo, os aspectos biográficos, a visão feminista, o contexto histórico e a perspectiva amorosa.

2.2 Vida e obra de Gioconda Belli

Nesse ponto da pesquisa acreditamos ser relevante estudar aspectos envoltos na vida e obra da escritora Gioconda Belli e, como já nos questionamos anteriormente, perguntamo-nos o que levou a mulher Gioconda a escrever sobre um período relevante para a história da Nicarágua. O nosso objetivo é fazer uma abordagem biográfica a partir do que ela escreveu na obra autobiográfica *O país sob minha pele, memórias de amor e guerra*. Nessa publicação a escritora reconta o seu “eu” e aponta aspectos interessantes da vida pessoal e política que levou e que divide com o leitor. No livro ela relata como era a vida guerrilheira, clandestina e seu patriotismo frente a um governo opressor.

A partir do momento em que a escritora optou por contar ou dividir suas memórias com os leitores, em geral, fazemos recortes para contar fatos e a veracidade da informação está comprometida. A linguagem do texto da autobiografia é romanceada, portanto intuimos que as memórias foram contadas a partir da intenção da autora. Sabemos que na escrita há uma intenção mesmo que não explícita. Podemos afirmar que existe muito sentimento nas palavras de Belli e o texto é revelador tanto que nos mostra detalhes de acontecimentos de sua vida. Logo, verdade ou ficção, as memórias demonstram um poder sobre o texto, apresentando o amor que colocou nas suas atitudes frente a um país em construção, e especialmente, com a possibilidade de expressar o poder da mulher revolucionária que se tornara.

Gioconda Belli nasceu em 9 de dezembro de 1948, em Manágua (Nicarágua). Ela viveu no seio de uma família rica, seu pai, Humberto Belli, era um homem de negócios e sua mãe, Gloria Pereira, foi fundadora do Teatro Experimental de Manágua. Gioconda foi a segunda de cinco filhos. Estudou em Assumption College, em Manágua e do Royal College of Santa Isabel, em Madri, Espanha, onde se formou em 1965. Depois de obter uma licenciatura em Publicidade e Jornalismo na Filadélfia, Estados Unidos, ela voltou para Manágua e em 1967 se casou. Teve duas filhas, Maryam e Melisa.

Seus poemas apareceram pela primeira vez em 1970 no seminário cultural *La Prensa* naquele país. Sua poesia é considerada revolucionária porque aborda o corpo e a sensualidade feminina. Seu livro *Sobre la grama* ganhou em 1972, o prêmio de poesia mais prestigioso do país naqueles anos *Mariano Fiallos Gil* da Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua.

Fez uma forte oposição à ditadura de Somoza, e por isso teve que se exilar no México e na Costa Rica e se juntou ao FSLN, organização de que participou de 1970 a 1994. Ela foi membro da Comissão Político-Diplomática do FSLN. Foi clandestina, transportou armas, viajou pela Europa e América Latina para obter recursos e divulgar a luta sandinista. Belli casou-se pela segunda vez e dessa relação nasceu Camilo.

Já desgostosa com o governo liderado pela guerrilha, que tomou posse depois da ditadura, Gioconda deixou a vida política para se dedicar ao primeiro romance, sem nunca deixar a poesia. Em 1988, Belli publicou o livro *A Mulher Habitada*. Em 1990, o segundo romance, *Sofia de los pressagios* foi publicado. Em 2000, lançou a autobiografia *País sob a minha pele: memórias de amor e guerra*, um testemunho da memória de seus anos com os sandinistas e da sua vida como mulher revolucionária que foi.

Casou-se pela terceira vez em 1987 com Charles Castaldi, com quem tem uma filha, Adriana, nascida em 1993. Em fevereiro de 2008 publicou o romance *Infinito en la palma de la mano*, ganhou a publicação Prêmio Biblioteca Breve 2008 Espanhol Seix Barral. Desde 1990, Gioconda alterna o seu tempo entre os Estados Unidos e Nicarágua.

Suas principais obras são: *Sobre la grama* (1972) – Poesía - *Línea de fuego* (1978) – Poesía - *Truenos y arco iris* (1982) – Poesía - *Amor insurrecto* (1984) - Poesía (Antología) - *De la costilla de Eva* (1986) – Poesía - *La mujer habitada* (1988) – Novela- *Poesía reunida* (1989) – Poesía - *Sofía de los presagios* (1990) – Novela - *El ojo de la mujer* (1991) - Poesía (Antología) - *Sortilegio contra el frío* (1992)- *El taller de las mariposas*(1994) - Cuento - infantil - *Waslala* (1996) – Novela - *Apogeo* (1997) – Poesía - *El país bajo mi piel, memorias de amor y de guerra* (2000) – Autobiografía - *El pergamino de la seducción* (2005) – Novela - *Fuego soy apartado y espada puesta lejos* (2006) – Poesía - *El infinito en la palma de la mano* (2008) – Novela - *El país de las mujeres* (2010) – Novela - *En la avanzada juventud* (2013) – Poesía - *El intenso calor de la luna* (2014) – Novela.

Observamos que as obras de Belli, na sua maioria, estão envoltas com poesia. Destacamos as temáticas presentes nos livros que remetem ao espaço que a escritora nasceu e viveu momentos importantes de sua vida além de abordar a mulher como protagonista de seus versos e narrativas. A escritora é uma voz revolucionária que enaltece a história do seu país e da mulher na história.

2.3 Aspectos históricos e sociais e a obra de Gioconda Belli

Através da literatura a escritora ressalta a importância da mulher em momentos de conflitos. Ambientando a sua narrativa ao contexto da ditadura na Nicarágua, nos mostra uma voz que viveu fervorosamente a revolução. Nesse processo observamos a luta por um espaço através de argumentos que envolvem a ideologia da escritora revolucionária. A literatura oferece esse lugar em que podemos ler e refletir sobre o ser humano e as vivências dele na sociedade.

A necessidade de autoafirmação dentro de uma sociedade machista emanava enquanto o seu lado feminino trazia suas características perante a biologia. Como lembra Beauvoir (1970, 56-57):

Uma sociedade não é uma espécie; nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados a sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude antológica. Não enquanto corpo é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza; é em nome de certos valores que ele se valoriza.

A escritora escreveu sua autobiografia em 2000. Nesse livro estão marcados os ideais que acompanharam a personagem/autora, a forma como ela expressa a heroína que foi, ou que gostaria de ter sido, as múltiplas maneiras de reinventar-se. Ela escreveu suas experiências durante esse tempo conturbado que foi a ditadura. Belli buscou uma libertação e nessas lacunas que se revelam na escrita fez recortes da história para reviver fatos importantes de sua vida.

Escrever sobre si mesmo delineia um desafio, um algo a ser contado, que necessita passar pelo texto e, logo, chegar ao leitor.

Diante de um texto, deve-se começar fazendo certo número de perguntas, que podem ser chamadas de lugares de interpretação. Algumas dessas perguntas dizem respeito ao orador; outras ao auditório; outras enfim, ao discurso, no sentido técnico que a retórica atribui a esses termos. (REBOUL, 2004, p.140).

Na medida em que fomos adentrando na pesquisa questionamos acerca do contexto de Belli: uma escritora que lutou pela causa feminista e através de seus textos trouxe e traz uma mensagem idealista a respeito de uma sociedade que buscou igualdade e respeito no seu país em um período de ditadura, em um tempo que não existia liberdade de expressão e em que a maioria do povo era oprimido e a desigualdade social preponderava. Le Goff (1994, p. 28-29) parafraseia Heidegger afirmando que “a história seria não só a projeção que o homem faz do presente no passado, mas a projeção da parte mais imaginária do seu presente, a projeção no passado do futuro que ele escolheu, uma história-ficção, uma história-desejo às avessas”.

A relação do real e ficcional deixa rica a narrativa contada e mostra a mulher da sociedade nicaraguense, ao mesmo tempo, consegue tocar o leitor com a sua abordagem de luta por espaço e igualdade da mulher, que não quer deixar para trás a família e as características do feminino.

A autobiografia foi escrita em Manágua, cidade da Nicarágua, o que já remete o leitor a uma escrita historicamente embasada durante a ditadura, mas ainda, em um movimento recente de revolucionários que lutariam pela libertação do país. O ditador Somoza estava no

poder há anos e os movimentos populares tomavam cada vez mais forma na Nicarágua. O que destacamos, especialmente, é a forma como Gioconda se coloca frente à situação do seu país e de como isso influenciava as suas decisões pessoais.

O teórico francês Philippe Lejeune é pioneiro nos estudos sobre a autobiografia. Ele fomenta a discussão desse gênero textual através de um pacto entre o autor e o leitor:

[...] o gênero autobiográfico é um gênero contratual. A dificuldade com a qual tinha-me deparado em minha primeira tentativa devera-se ao fato de buscar em vão, no plano das estruturas, dos modos ou das vozes da narrativa, critérios claros para fundamentar uma diferença que faz parte da experiência de qualquer leitor. (p.45)

Com isso podemos levar em consideração a importância do imaginário e do real visto que, a partir da intenção do autor até o texto chegar ao leitor, necessitamos fazer distinção de fatos referenciais que fazem parte da história e questões que a autora, ao escrever, torna ficcional. Lejeune define autobiografia como: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p.14).

A autobiografia é um ato narrativo que motiva a contar sua própria vida. Esse pacto abordado anteriormente revela o limite que o leitor deve ter ao ler esse gênero porque nos são apresentadas narrativas de uma vida particular e não, comprovações históricas. Contudo, não podemos afirmar que a autobiografia seja a revelação de uma verdade absoluta e sim, que a narrativa está entre o ficcional e o histórico.

No decorrer do texto autobiográfico observamos que Belli não tem o intuito de dar voz às questões históricas apesar de elas aparecerem como um espaço e um tempo que a personagem viveu, comum às narrações. O que realmente instiga é o legado que ela quer deixar no presente. A subjetividade é frequente no texto.

As memórias reforçam ainda mais esse elo com o passado, mas acreditamos que para esse texto impõem-se a forma não linear que conduz a sua história. Os anos que estão demarcados em cada início de capítulo reformulam as lacunas deixadas pelo tempo que a autora quer reinventar. Essas memórias reveladas no texto podem falhar na descrição exata dos fatos e por isso, torna a escrita mais próxima da literária, pois, possibilita a reinvenção dos acontecimentos.

Na introdução do livro, Gioconda coloca sua posição em relação ao mundo. Posição essa que enaltece o feminino e sua veia revolucionária:

Duas coisas que não decidi acabaram decidindo minha vida: o país onde nasci e o sexo com que vim ao mundo. Talvez porque minha mãe sentiu minha urgência em nascer quando estava no Estádio Somoza em Manágua, assistindo a um jogo de beisebol, o calor das multidões tenha sido meu destino. Talvez a isso se deva meu medo da solidão, meu amor pelos homens, meu desejo de transcender limitações biológicas ou domésticas e ocupar tanto espaço quanto eles ocupam no mundo. Diante do estádio de onde minha mãe saiu em direção ao hospital, erguia-se uma estátua equestre de Anastasio Somoza García, o ditador que iniciou na Nicarágua, em 1937, a dinastia somozista.

As obras – autobiografia, romances, poemas - têm como pano de fundo a ditadura da Nicarágua e a feminilidade. A influência histórica é recorrente na narrativa e como todo enredo mostra um tempo e espaço que norteiam o leitor. A escritora deixa claro o seu envolvimento político com o seu país. E explica que quando criança tinha medo do que acontecia ao seu redor, pois alguns parentes mais velhos faziam parte de grupos oponentes ao governo. Belli via essas pessoas serem perseguidas pelo governo e confrontava já desde nova, as realidades vivenciadas na Nicarágua.

Gioconda sempre considerou o papel enquanto mulher, mas o contraponto com a revolucionária que existia dentro dela foi gritante em determinado momento. Ela esboça essa mistura de sentimentos também na parte inicial da autobiografia:

Fui duas mulheres e vivi duas vidas. Uma de minhas mulheres queria fazer tudo segundo os clássicos anais da feminilidade: casar, ter filhos, ser complacente, dócil e bem nutrida. A outra queria os privilégios masculinos: independência, valer-se por si mesma, ter uma vida pública, agitação, amantes. Aprender a balanceá-las e unificar suas forças, para que não me separassem com suas lutas e mordidas e puxões de cabelo, tomou grande parte da minha vida. Creio que ao fim consegui com que ambas coexistam sob a mesma pele. Sem renunciar a ser mulher, creio que consegui também ser homem.

A individualidade se destaca visto que ela não se utiliza de histórias lineares para contar sua vida. Ela usufrui de momentos considerados essenciais para desvendar o que ela mesma sentia, perante a sociedade. É como se ela compartilhasse, nas linhas escritas, os desassossegos da sua vida.

Percebemos a relação da escritora com a família quando ela reflete sobre conversas que tinha com sua mãe e a descreve como alguém que “socialmente queria ser moderna, comentada por sua cultura cosmopolita, sofisticação e elegância, planejou a celebração de acordo com sua Bíblia social.” (BELLI, 2002, p. 46). A crítica é direcionada às aparências que regem às pessoas da sociedade, que se preocupam muito com os outros e esquecem da essência dos momentos.

O corpo é outro aspecto bastante enfatizado por Belli. Mesmo que ela aborde a relação com sua mãe por esse viés também se refere a outros pontos de vista que esta tinha. “Desde que era pequena ela (a mãe) sempre me falou do corpo humano com reverência. Dizia corpo humano, com a mesma entonação que outras senhoras, suas amigas, diziam Jesus Cristo, ou seja, referindo-se a algo sagrado” (BELLI, 2002, p. 46).

Na adolescência a mãe explicou à Gioconda a chegada da menstruação e das mudanças que o corpo da mulher apresentaria a partir de então, e como ela relata nas suas memórias, que a figura materna despertou “ecos que transcendiam a mera função biológica.” E mais, via a mulher com uma visão de admiração mesmo com as concessões que à sociedade fazia. A mulher fora destinada a um segundo plano e Belli a coloca no seu devido lugar em um espaço a desbravar.

Gioconda compartilha conosco a experiência da primeira menstruação, ainda, idealiza o ato sexual e busca enfatizar na narrativa a importância da sexualidade, (Belli, 2002, p.48) quando diz que a mãe “apresentou-[l]he a cópula em cores fortes de mito e terminologia poética. Por isso deduzi[u] que fosse um ato grandioso, uma espécie de união de titãs forjando com seus corpos entrelaçados e desnudos não somente nova vida, mas laços indissociáveis de amor e intimidade”.

A crítica sugerida ao leitor fica explícita pela forma que a autora se coloca frente à igreja, mostrando valores simbólicos e religiosos em contraponto com a sociedade que realmente vive e sobrevive à desigualdade. A valorização que ela dá ao corpo é visível no decorrer da narrativa. É notável que ela chame atenção para esse tema.

Nesse outro trecho ela revela a experiência de ser mãe (p. 51-52):

A existência desse pequeno ser expandia meus limites, enchendo-me de uma transcendência cósmica. Dei graças à vida por ser mulher e experimentar – como em qualquer ser vivo - uma égua, uma leoa – o instinto primitivo de acolher essa criatura no mundo, protegê-la, amamentá-la. Sua fragilidade abriu-me a ternura como uma fonte que se derrama. O calor do ventre se espalhava por meus braços, por meu peito. Era o amor.

A valorização que ela dá ao corpo é visível ao desvendar sua própria vida. Ela escreve a partir de uma perspectiva de perceber o corpo feminino como algo raro da criação. É notável que ela chame atenção para esse tema. Em uma conversa com a mãe isso transcende para o leitor. Belli (2002, p. 45) afirma:

Ainda que sua intenção fosse certamente inculcar-me as responsabilidades da maternidade, suas palavras sobre o poder da feminilidade em uma mente jovem e sem preconceitos como a minha despertaram ecos que transcendiam a mera função biológica. Eu era mulher. No gênero humano a única que podia dar vida, a designada para continuar a espécie. Os corpos humanos eram o mais perfeito da criação, obras de arte maravilhosas e precisas, mas o da mulher, exatamente por sua função, era ainda mais belo e assombroso. Éramos a obra-prima da natureza.

Essa maneira de Belli encarar o mundo faz com que seu texto chegue ao leitor de uma forma convincente em relação aos valores veiculados. A mulher destemida que encara a sociedade e quer tornar-se livre esboça um ideal a ser seguido, ou seja, as atitudes de Gioconda perante a sociedade motivam o leitor a acreditar nesse mundo mais humanizado em que sonhos são possíveis e em que até mesmo o enfrentamento que Belli tem com a sua família e as questões sociais de seu país podem ser superadas.

Aquele que conta a sua própria história se apropria de uma forma de pensar e defender suas ideias. Isso nada mais é do que uma forma de persuasão através de um determinado discurso. Como podemos perceber no texto de Gioconda Belli (2002, p. 44-45), quando nos apresenta o esposo, Belli leva ao leitor a maneira como os casamentos tradicionais eram tratados, o pretendente assim, agradaria os pais porque era da mesma classe social:

Gostei dele porque era amante da leitura como eu. Falamos de literatura sentados sobre a relva, olhando o rio. Lembro-me de uma das primeiras coisas que pensei é que ele agradaria meus pais por ser aparentado com famílias do nosso círculo social, e minha mãe insistia muito em que compartilhar a mesma educação e cultura era requisito essencial para um bom casamento.

A escritora continua dizendo “tinha pressa em viver, em deixar a casa de meus pais, o burburinho de meus irmãos... e começar a viver com plena independência.” (BELLI, 2002, p. 45) A própria ilusão de independência que o casamento traria constata a forma como se dirige ao leitor. Uma das decepções da vida de Belli foi o casamento porque, ao contrário do que imaginava, a sua relação com o marido não alcançava na realidade o que imaginara para sua vida pessoal. Logo, a vida conjugal da escritora se tornou monótona e demasiado distante dos seus sonhos de adolescente.

A partir da exposição de seu relacionamento inicial Belli inicia uma narrativa baseada em discussões de gênero e mostra para o leitor o quanto a sociedade delimita os espaços das mulheres. Somos culturalmente criados para casar, ter filhos, cuidar do lar. Pouco se espera da vida profissional de uma mulher. Os homens foram feitos para o mercado de trabalho. No

trecho a seguir podemos perceber a configuração da mulher na área profissional (BELLI, 2002, p. 49):

Quando me propôs que ficasse em casa e deixasse meu emprego, como costumava fazer as mulheres casadas, armei tal escândalo que tive de resignar-se de minha independência. Talvez porque desde criança considerasse meu sexo uma vantagem, concebia-me livre, soberana de mim mesma. Não me ocorria que um homem tivesse o direito de impedir-me de ser quem era. Não aceitava que o casamento ou a maternidade significassem a renúncia ao acúmulo de possibilidades de vida. Conservei meu emprego até que as náuseas e o enjoo do primeiro trimestre de gravidez fizeram-me também desejar ficar na cova, hibernando.

Gioconda passou a infância e adolescência cercada por um governo autoritário e em consequência por uma sociedade oprimida. Ela defende o desejo por igualdade e aqui cabe salientar a busca constante de respeito pelas mulheres e por um país em constante procura de libertar-se da opressão.

Sua relação familiar era complexa, pois buscava provar para si mesma um livre-arbítrio que ela desejava, no entanto, não possuía. O casamento não trouxe liberdade a ela. E o estado em que se encontrava o país era crítico. No trecho abaixo, Belli (2002, p.46):

Coexistíamos com esse mundo sem nos misturarmos a ele. Sabíamos da sua existência porque nos rodeava por todos os lados, as histórias das necessidades dos pobres apareciam nos jornais, ou as ouvíamos da boca das empregadas e motoristas que trabalhavam em nossas casas. Dentro da igreja, no entanto, esse mundo não parecia existir.

Gioconda com a sua escrita busca conscientizar o leitor de que, não é aceitável negar a realidade do país. Mesmo pertencendo a sua classe privilegiada, ela pretendia abrir a discussão sobre o sentimento de igualdade. A luta era por uma libertação de gêneros, por um viver com menos concessões. Concessões essas que ela começava a discriminar na descrição que faz no texto sobre o rito do casamento ou “a entrega ao homem” (BELLI, 2002, p. 45):

Então tomou-me uma sensação de ridículo, de estar embrulhada como presente. Havia algo humilhante em toda aquela cerimônia na qual, simbolicamente, meus pais me entregariam a um homem. A roupa branca assemelhava-me ao cordeiro dos sacrifícios bíblicos cujo sangue correria como oferenda de castidade.

Quanto mais o tempo passava mais Gioconda se rebelava com a vida de dona de casa. Não combinava com ela o papel de cuidadora do lar expressada nesse trecho (BELLI, 2002, p.55):

A vida de doméstica me afogava. Comecei a ter pesadelos em que metade de meu corpo convertia-se em eletrodoméstico e eu me agitava como máquina de lavar. Por essa época lia livros feministas. Germaine Greer, Betty Friedan, Simone de Beauvoir. Quanto mais lia menos podia tolerar a perspectiva de anos e anos conversando sobre receitas de cozinha, móveis, decoração interior. Entediavam-me os sábados no Country Club, repetindo a vida de nossos pais: os maridos jogando golfe, as crianças na piscina, enquanto nós outra vez com as babás, a pílula, o dispositivo intrauterino de cobre ou os ginecologistas da moda.

Através da Literatura Gioconda se inseriu em um mundo em que não podia ficar indiferente às questões sociais que estavam tão presentes no país. As leituras feministas se intensificavam e cada vez mais a mulher revolucionária em Belli vinha à tona. Os livros abriram o caminho para que a escritora se tornasse uma mulher crítica para sua época. Ela não conseguia se acomodar, no entanto, o espaço da mulher era pouco valorizado.

Logo após o casamento, Gioconda Belli conheceu um grupo de escritores poetas, e através da influência deles a poesia começou a fazer parte de sua vida. O que ela chamava de Poeta lhe dizia que “não podia desperdiçar a vida, os dons, repetia-me com tenacidade enquanto falava incansavelmente de literatura, lia poesia em voz alta e, com sua maneira apaixonada, me punha em contato com a densa, complicada história da Nicarágua.” (BELLI, 2002, p. 58). Logo, o primeiro livro de poemas foi tomando forma e o pensamento da escritora se voltou mais ao país do que ao marido.

Com a aproximação da escritora com o Poeta a relação dos dois ficou mais intensa e íntima até se tornarem amantes. Como ela mesma confidencia na autobiografia:

Essa transgressão foi meu Big Bang pessoal. Fez-me questionar meus deveres e considerar meus direitos, o que minha vida era e o que ela podia ser. O desejo de liberdade de expandiu por todo o universo. De minha vida de jovem casada da classe alta ficou apenas a enganosa e polida superfície. Dentro de mim começaram os sete dias da criação, os vulcões, os cataclismos. (BELLI, 2002, p.59).

Na poesia de Gioconda essa transgressão também é forte porque através dos versos ela expande esse lado revolucionário e independente. No poema *Y Dios me hizo mujer*, Belli enfatiza e releva a ideia do “ser mulher”:

Y Dios me hizo mujer
de pelo largo,
ojos,
nariz y boca de mujer.
Con curvas
y pliegues

y suaves hondonadas
 y me cavo por dentro
 me hizo un taller de seres humanos.
 Tejio delicadamente mis nervios
 y balanceo con cuidado
 el numero de mis hormonas.
 Compuso mi sangre
 y me inyecto con ella
 para que irrigara
 todo mi cuerpo;
 nacieron asi las ideas
 los sueños,
 el instinto
 todo lo que creo suavemente
 a martillazos de soplidos
 y taladrazos de amor,
 las mil y una cosa que me hacen
 mujer todos los dias
 por lo que me levanto orgullosa
 todas las mañanas
 y bendigo mi sexo.

Nos versos de Belli sentimos a voz da mulher que se encontrou com o corpo de mulher. Essa mulher que reconhece seu corpo e o trata como uma joia rara. A percepção que ela tem sobre o gênero feminino e a essência do corpo é fundamental para entendermos o que ela considera frente a uma sociedade que a domina e quer pensar por ela. Mais que isso, ela enfatiza o ato de pensar de uma mulher, a ideia de realizar sonhos e de ser independente.

Gioconda Belli é uma escritora renomada que retrata a sua terra e nos confia traços da história de Nicarágua. A maneira como o faz se entrelaça na sua própria história e nos leva a esse lugar de luta e de superação. O leitor contemporâneo procura nas linhas do livro os ideais que marcaram a personagem, a forma como ela expressa a heroína que foi, ou que gostaria de ter sido, as múltiplas maneiras de reinventar-se. Escrever sobre si mesmo delineia um desafio, um algo a ser contado, que necessita passar pelo texto e, logo, chegar ao leitor.

Nessa pesquisa propomos uma interpretação do primeiro romance da escritora *A mulher habitada* que foi publicado em 1988. Para tanto, em um primeiro momento apresentamos aspectos da história do país e do povo de Nicarágua, pois estes formam o contexto ou pano de fundo do romance.

2.3.1 Quem habita essa terra

Todo texto está inserido em um espaço e um tempo. A obra *A mulher habitada* faz um recorte importante na história latino-americana porque adentra em questões políticas pertinentes em um século com tantas revoluções e a busca de um povo por mais igualdade. No século XX aconteceram muitas lutas civis contra governos opressores. A ditadura se instalara nessas terras. A Nicarágua sofreu com o governo ditatorial em torno de quarenta anos. Gioconda Belli viveu esse tempo de incertezas e sentiu na pele a opressão. A obra abordada dá sentido ao contexto do país.

Nessa segunda parte faremos um esboço do que aconteceu na Nicarágua na década de setenta. Embora o governo ditatorial tenha se estendido por muito tempo a população não mediu esforços para se organizar e combater essa dura realidade. Para isso, lemos alguns artigos que se referem bem como textos de historiadores que recontam esse período de luta e revolução. Matilde Zimmermann no livro *A revolução nicaraguense* nos proporcionou e exposição da guerrilha e de como a oposição se reunia para combater o autoritarismo no país. Em seguida faremos a apresentação de alguns acontecimentos da época. Para que entendêssemos a influência de outros países e de como o poder autoritário chegou a se consolidar foi necessário pensar também a colonização espanhola na região central do continente americano.

Há uma parte da América a ser desvendada nas linhas da obra *A mulher habitada*, de Gioconda Belli. Como já vimos anteriormente, toda interpretação está inserida em um contexto, existe uma história por trás da narrativa. O século XX visto nas suas revoluções, conflitos, migrações, busca por território e avanços científicos encontra na literatura um caminho para falar sobre o ser humano, sobre o mundo e a história.

A Nicarágua é um país que faz fronteira com Honduras e Costa Rica e está localizada na América Central. Como em todo território americano, o país sofreu um processo de colonização que direcionou a sua terra às influências espanholas.

Os primeiros relatos da colonização espanhola se deram a partir dos próprios espanhóis, logo, o que a história registrou é um recorte do que os europeus acreditam ser pertinente para os olhos do colonizador. Os índios não foram ouvidos e sofreram durante a invasão:

Em meados do século XVI, os índios *nicaraosse* renderam os conquistadores, e assim iniciam-se longos anos de disputa do controle da Nicarágua, passando pelos governos do Panamá, Honduras, Guatemala e até do México no começo do século XIX, proclamando sua independência somente em 1826, integrando às Províncias Unidas da América Central. (PEREIRA apud MAREGA, 2015, p. 777).

A América Latina foi reinventada pelos colonizadores através dos costumes da Europa, e na Nicarágua não foi diferente, portanto as tribos indígenas foram aculturadas e os que resistiram, tentaram lutar pela libertação do seu povo. “Os povos indígenas que se rebelavam sofreram ataques sanguinários da cavalaria e a destruição dos povoados. Os que aceitavam o sistema de tributos eram de certa forma, mais “poupados” pelos espanhóis.” (LEMOS, 2008, p.38). Vejamos que desde os tempos mais remotos, a luta pela terra é revelada e especialmente descrita pela tradição histórica.

Essa influência também se deu através do governo dos Estados Unidos, que, mais tarde, usando seu poder, manipulava o país para benefício próprio e transformara a Nicarágua numa extensão dos interesses estadunidenses, “o principal era a realização de um canal que ligasse os dois oceanos, como o canal do Panamá.” (PEREIRA, 2015, p. 777). O presidente nicaraguense foi imposto pelos EUA, deixando mais clara a forma como agia dentro do país.

De um lado, quando se tem uma disputa acirrada pelo poder, em um lugar que há pouco estava começando a ser independente da colonização podemos imaginar que tenhamos outro lado que busque a libertação. Por esse outro lado destacou-se Augusto César Sandino juntamente com alguns companheiros, eles se uniram em prol de uma Nicarágua que deixasse de depender de outro país e tomasse lugar o desenvolvimento do próprio povo. Foi em 1933 que, de acordo com Eric Nepomuceno (1985, p. 103),

derrotado pelas forças de Augusto César Sandino 'general de homens livres', o exército norte-americano de intervenção abandona a Nicarágua. Acordos políticos permitem a eleição de Juan Sacasa para presidente da República. Sacasa nomeia Anastasio Somoza García para a chefia da Guardia Nacional.

Foi nomeada a Guarda Nacional que resultou mais tarde no poder ditatorial porque a família de Somoza continuou no poder e perpetuou por muitos anos a desigualdade e a opressão para o povo nicaraguense. Somoza traiu o presidente e mandou assassinar o revolucionário Sandino (PEREIRA apud CORTÁZAR, 2015, p. 778) explica:

O período de 1934 a 1956, sendo que o início é marcado pelo assassinato de Sandino e o final, registra o assassinato de Anastasio Somoza; foi de caça e extermínio dos guerrilheiros de Sandino. A ditadura somozista era severa, alinhada aos EUA, um

governo que pouco se importava com seu povo, havia fome e miséria, além de uma taxa de analfabetismo que alcançava mais de 60% da população.

Quando Sandino foi assassinado a Nicarágua já era independente em torno de cem anos e como afirma Matilde Zimmermann (2006) apesar deste período o povo nicaraguense não havia avançado desde a colonização. Por causa de doenças e da escravização de muitos indígenas a população ficou mais escassa, “permaneceu relativamente atrasada durante os trezentos anos da dominação colonial espanhola”. (p.24).

Relevante perceber que, mesmo com todas as tentativas de tirar os Estados Unidos do país eles acabavam se infiltrando e usando alguns nicaraguenses para conseguir o que almejavam. É nessa situação de impossibilidades para a sociedade que os militantes começam a se revoltar contra a ditadura e as classes populares se uniram às convicções do então assassinado Sandino. E esses liberais aderiram à luta armada contra o governo opressor e fundaram a FSLN (Frente Sandinista de Libertação Nacional).

Em meados da década de 1960 se inicia um intenso período de guerrilhas, que se estende até o fim da década de 1970. Nos últimos anos de 1960, a FSLN realiza discussões internas para definir de fato o que é a Frente. Os guerrilheiros, então, começaram a recrutar pessoas para fazer parte do grupo. A guerrilha tinha como esconderijo as montanhas, lugar onde Sandino e os índios que se rebelaram também ficaram para a efetivação do grupo, além de homens, mulheres, jovens e crianças infiltradas nos mais diversos espaços da cidade e, principalmente, no campo. Zimmermann (2006, p.65) resume a motivação patriota dos revolucionários:

A visão nacionalista da FSLN inspirada em Sandino era a de que a Nicarágua nascera e se definira pela luta contra o colonialismo espanhol e o imperialismo norte-americano, passando pelos índios rebelados e os escravos fugidos, e culminando com o Sandino e a Frente Sandinista. Somente aqueles que, como Sandino, haviam combatido a opressão e a dominação estrangeira, não os latifundiários e políticos que colaboraram com a Espanha e depois com os Estados Unidos, poderiam realmente dizer que eram nicaraguenses. Os guardiães da cultura nicaraguense não eram os brancos ricos, copiando a última moda em Miami, mas a classe trabalhadora e os campesinos descendentes dos índios.

A FSLN foi fortemente influenciada pela força armada de Cuba, que tinha mais experiência com a guerrilha revolucionária. Muitas pessoas tiveram que se exilar em outros países e viveram na clandestinidade. Houve comoção nacional, em que muitas pessoas aderiram à revolução. No entanto, muitas foram as dificuldades enfrentadas pela guerrilha: a falta de armamento, pouco financiamento e infraestrutura para manter a organização. Por

outro lado, tinham o governo ditatorial não medindo esforços para acabar com os guerrilheiros. Como aborda Zimmermann (2006, p. 77):

A ofensiva contrarrevolucionária maciça, que se estendeu de 1976 a 1977, lançou bombas e napalm em assentamentos, queimou lavouras e residências, foi responsável por desaparecimentos, estupros e prisões em campos de concentração. Quando a notícia das atrocidades alcançou as cidades, criou-se um estado nacional de indignação, especialmente nas classes mais baixas, tradicionalmente o alvo principal da repressão, mas também nos nicaraguenses de classe média.

Essas atitudes opressoras fizeram com que os revolucionários tivessem cada vez mais adeptos e assim, diminuía a força de Somoza no governo que demonstrava cada vez mais a desigualdade imposta ao país. Mais popular, a Frente Sandinista se encorajava e fechava o cerco em volta do ditador. Eram inúmeros os motivos que levaram os nicaraguenses às ruas como aponta Zimmermann (2006, p. 89):

A maioria queria simplesmente que a repressão parasse, e a Frente era única organização capaz de dar fim ao governo de Somoza, “a Besta”. Muitos também combatiam em defesa de exigências de classe: terra, estabilidade no emprego, moradias decentes, atendimento à saúde, o fim do abuso dos empregados pelos patrões e donos de terra. Para outros, o mais importante era o direito de a Nicarágua governar seu próprio país, sem a interferência dos Estados Unidos. Outros foram mobilizados por algum evento particular ocorrido em sua cidade ou bairro, como a matança de pacientes e médicos do hospital de Estelí pela Guarda Municipal, ou os ataques às escolas e aos serviços religiosos. Muitas mulheres se tornaram inicialmente parte do apoio sandinista de bairro por motivos familiares, a fim de proteger seus filhos ou amigos deles.

Depois de muito pressionado Somoza entrega o cargo e foge para Miami. Em 19 de julho de 1979 os guerrilheiros entram em Manágua, capital da Nicarágua para saudar o novo governo. A partir de então iniciam um importante processo de (re)construção do país. O livro *Literatura e cultura na América Latina* (2001) faz um diálogo relevante sobre aspectos da conquista na América. Como nesse trecho podemos perceber:

Era um tempo de heróis fundadores e paixões cegantes, de Eldorados revolucionários e dos temidos infernos das ditaduras, dos purgatórios do exílio, das esperanças levantadas no pós-guerra e dos receios mais que fundados de que elas se enrijecessem em burocratismos vãos, como de fato aconteceu na maior parte das terras onde essas esperanças pareciam tão firmemente implantadas. (RAMA, 2001, p. 15).

Depois de a guerrilha conseguir derrubar Somoza eles enfrentariam obstáculos iguais ou até maiores para implantar a democracia e fazer valer os direitos do povo. “A palavra

América Latina é marcada por contradições, origens difíceis de vislumbrar, disputas de primazia entre candidatos a descobridores ou, mais exatamente, seus partidários.” (RAMA, 2001, p.16).

Segundo um dos organizadores do livro, Ángel Rama, nos estudos sobre a América já via como gritantes as dificuldades que as regiões sofreriam, ora pelas influências externas, ora pela desunião interna. Rama (2001) via “nos primeiros regionalismos o esforço das camadas médias intelectualizadas para se habilitarem à participação no jogo do poder, invocando as imagens dos marginalizados da história como bandeiras de reivindicação.” (p. 20).

Apesar de todo esforço da guerrilha e apoio da população nicaraguense as dificuldades encontradas depois de derrubar o governo ditador foi grande. A desigualdade tomava conta do país, a miséria se alastrava por todo território. Fez-se necessário uma força tarefa em que os bairros se comovessem e organizassem estratégias para ajudar uns aos outros, além de estarem à mercê dos soldados que ainda eram fiéis ao antigo governo.

A fronteira estava exposta aos rebeldes, pessoas que colaboravam com a ditadura, e não acreditavam na promessa da democracia estavam desconfiados das novas regras que se instalavam, mesmo que elas pudessem ser benéficas para o cidadão nicaraguense. Dessa maneira, os guerrilheiros sandinistas estavam ameaçados por invasões desses outros soldados e a forma negativa que influenciavam a população. As pessoas desconfiavam da nova forma de governo e a transição que iniciava naquele país seria árdua perante as ambições dos revolucionários.

Em cada continente devastado pela colonização e depois constituído por governos autoritários ficaram as marcas de uma cultura que menospreza as minorias e enaltece o poder patriarcal. A história geralmente, não relata a importância da mulher nesse meio revolucionário e de como, o papel feminino foi fundamental nessa caminhada por sua valorização e busca por espaço na sociedade.

2.3.2 A mulher e o espaço histórico

Depois de contextualizada a obra de Gioconda Belli na história da Nicarágua e, por conseguinte, na América Latina adentramos num ponto essencial do texto de Belli: a mulher e o espaço desta na sociedade e na revolução. Para tal temática mais uma vez Zimmermann nos ajudou a compreender o papel da mulher nas revoltas e a colocou assim, em evidência. A reflexão que a estudiosa faz leva-nos a perceber o que geralmente fica ofuscado na história

universal: a mulher lutou lado a lado com o homem na revolução e isso, desde a invasão espanhola fica explícito, porém a forma como se aborda o envolvimento da mulher nas lutas é muito negligenciado.

Sabemos que o espaço pode ser conquistado, mas o reconhecimento da mulher não vem de modo igualitário. As mulheres sofreram em todos os períodos da história, no entanto, a literatura, questiona, demonstra e representa esses acontecimentos na sociedade.

As mulheres tiveram um papel fundamental na luta pela libertação da pátria. Elas enfrentaram, além do inimigo comum a todos, o governo ditador, a conquista pelo seu espaço. Não somente para cuidar da casa, dos filhos, mas sim, e mais importante, a assumirem um lugar dentro da guerrilha. Foram à luta, não se entregaram a própria sorte. Zimmermann (2006, p.55):

A posição das mulheres da FSLN não foi fácil nos primeiros anos. A tarefa de manter os aparelhos limpos, alimentar os fugitivos e cuidar deles, datilografar comunicados e manifestos quase sempre recaía sobre elas. Ao mesmo tempo, o fato de mulheres receberem armas e treinamento militar teve profundo impacto no modo pelo qual pensavam a seu próprio respeito e em como os companheiros as tratavam.

As mulheres do século XX deram um passo decisivo, pois elas ultrapassaram barreiras de uma sociedade que era formada por pensamentos patriarcais, por exemplo, no século XIX elas apareceram menos nas revoluções até porque a história conta as guerras através de vozes masculinas.

A mulher era vinculada à ideia de cuidadora do lar. “A regra era que o chefe do lar, um homem, sustentasse a família e dependentes, enquanto sua esposa permanecia em casa, criando filhos e cuidando deles. Esse ideal era um mito.” (ZIMMERMANN, 2014, p. 56). Nessa época, havia muitas mulheres solteiras e outras abandonadas pelos maridos que sustentavam o lar. No entanto, havia um julgamento grande em relação a elas porque estas não se adequavam à exigida postura da mulher perante a sociedade. As convenções sociais não permitiam que fizessem parte da luta armada, apesar de serem ativas na organização.

Como vemos, historicamente, a mulher é renegada pela sociedade e colocada dentro de padrões preconceituosos. A clandestinidade também as levou a se transformarem e viverem exclusas da família e principalmente, de quem não fazia parte da FSLN. Tinham que cumprir as regras de comportamento que a militância impunha e quando homem e mulher da organização quisessem viver juntos precisavam passar por uma autorização de superiores.

Dentro da Frente, mesmo com muitos empecilhos, a mulher conseguiu buscar seu espaço, mas ela como qualquer homem necessitava conquistar isso frente a organização. Pereira (2015, p. 781) aborda:

O processo da revolução sandinista na Nicarágua durou onze anos: de 1979 – com a derrubada de Somoza – a 1990 – com seu fim definido nas eleições de 1989, onde a liberal Violeta Chamorro vence o sandinista Daniel Ortega. Os anos 1980, portanto, constituíram o período mais importante da Nicarágua Sandinista, tendo seu início marcado pelas fantásticas transformações sociais promovidas não só por um novo governo revolucionário, mas pelo povo nicaraguense.

Essa revolução também se deu em relação à mulher porque ela ultrapassou barreiras perante uma sociedade comandada por homens e que tratava a mulher como coadjuvante. “As mulheres estavam à margem de toda a história. Porém, mesmo marginalizadas, elas sempre estiveram presentes, contribuindo de várias formas para as lutas travadas. Na Revolução Sandinista, não foi diferente.” (PEREIRA, 2015, p. 781).

A literatura, a partir de uma visão feminista, intensifica a questão sobre os gêneros, pois até então os universos culturais de homens e mulheres sempre foram distintos. Lemaire (1994, p. 63) comenta:

Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo o seu próprio tipo de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais e até suas próprias formas de dançar e cantar.

Importante pontuar a representatividade pela qual a mulher tem lutado, na literatura, no decorrer da história e o espaço que conquistou e ainda busca alcançar pode ser uma característica importante de liberação da escrita tanto de homens como mulheres no século XX tendo como temática os gêneros. Richard (2002, p. 129) afirma:

A “literatura de mulheres” arma um corpus sociocultural, que contém e sustenta o valor analítico de uma das perguntas que se faz a crítica feminista: a de saber se existem, ou não, certas caracterizações de gênero e quais delas podem tipificar uma “escrita feminista”.

A mulher, ou ainda, a história da mulher era considerada desinteressante. Isso, de certa forma, se justifica porque, historicamente, quem escrevia eram homens. A história social e da mulher se cruzam, mas não podemos usar das mesmas temáticas que abordamos em relação

aos homens, eles ocupam espaços diferentes na sociedade. A mulher não participava do desenvolvimento histórico tal como registrado, ela era de um grupo subordinado, enquanto para os homens o poder era o foco principal. Hahner (1981, p. 15-16) estabelece uma relação entre a história social e a da mulher:

No entanto, mesmo assim, a história da mulher poderia possivelmente ser considerada como uma derivada lógica da história social; ela diverge da história social numa premissa básica: mulheres e homens ocupam posições diferentes na sociedade, e não podemos automaticamente estudar homens e mulheres dentro da mesma estrutura conceitual. Devemos recusar a aplicação, à mulher, de critérios explicitamente masculinos, pois, quando se empregam tais critérios no exame do passado, a mulher desaparece em grande parte, da história.

Entendemos que as relações da mulher na sociedade do século XX são complexas. É importante ressaltar que não podemos comparar homens e mulheres, pois a mulher não exercia as mesmas funções socialmente. Ela se configurava enquanto criava e educava seus filhos e mantinha os bons costumes. Havia aquela, ainda, que se destacava, mostrando personalidade e lutando por seus direitos. Todas, de alguma forma, enfrentavam as dificuldades que a sociedade lhes impunha.

Necessitamos tornar visível uma identidade renegada pelos séculos, “mas certamente as mulheres precisam ser estudadas nos seus próprios termos, à luz das atividades que executam e das posições que ocupam em suas próprias sociedades” (HAHNER, 1981, p. 16). Daí a importância de saber mais sobre a gradual ascensão social da mulher e as grandes repercussões que isso vem provocar.

É preciso reconhecer o que a mulher fez, sua atividade, sua função e como tudo isso se modificou ao longo do tempo. “O passado das mulheres não pode ser estudado em um vácuo”, afirma Hahner, “as mulheres foram uma parte da sociedade em que viveram e cujos valores absorveram” (1981, p. 17).

3 O ROMANCE *A MULHER HABITADA*: PERSPECTIVAS INTERPRETATIVAS

3.1 Acerca do enredo e do ponto de vista da narração

Abordar o primeiro romance de Gioconda Belli é interligar vários temas em um só livro, é conhecer várias histórias através de importantes personagens e captar a essência do que é a narrativa no seu mais intenso processo de contar uma parte importante da civilização desde seus primórdios, na Nicarágua.

A história começa com uma voz feminina narrando, em primeira pessoa, a chegada ao mundo de uma forma inusitada, logo percebemos que Itzá conta a sua reencarnação de índia em árvore através de uma descrição da cultura asteca, que possibilita esse imaginário mítico.

Em seguida visitamos a vida da outra personagem principal da obra, Lavínia, que é apresentada ao leitor, a partir da sua volta a Fátuas, sua cidade natal, depois de estudar arquitetura na Itália. Dessa forma, e com as descrições das duas personagens, a narrativa nos leva a constatar a margem importante que a história tem no livro. A invasão espanhola, no século XVI e a ditadura nicaraguense, no século XX são abordados de forma contundente e nos oferecem subsídios para interpretarmos as personagens que vivem no espaço desse enredo.

Itzá pertence a uma população indígena de civilização asteca. A partir de suas contribuições narrativas conseguimos acessar a cultura que a cerca, e perceber a complexidade que foi a invasão espanhola na Nicarágua há muito tempo. Podemos fazer um resgate de povos que lutaram por suas terras e as perderam para os espanhóis. Ao contrário do que imaginamos, ou até mesmo a história universal relata, a colonização espanhola na Nicarágua foi cruel e avassaladora. A obra consegue, através de Itzá, mexer nessa ferida em que um povo foi executado e os índios que não se rebelaram se tornaram escravos dos espanhóis.

A linguagem indígena nos chega de tal maneira que alcança um significado ímpar. Assim, constrói para mostrar o quanto o literário é relevante para contar e recontar fatos que influenciaram na formação da identidade de toda uma sociedade.

Dito isso, a narrativa direciona o olhar de Itzá, já uma laranjeira no quintal, para a vida da mulher que mora na casa. Mulher essa chamada Lavínia e que vive no século XX, no meio

de um governo opressor que persiste desde a sua infância. A vida no espaço e tempo de Lavínia é narrada tanto por um narrador que nos conta esses fatos e é onisciente, quanto a narração em primeira pessoa de Itzá que visualiza o mundo de Lavínia do quintal e nos leva ao tempo e espaço primitivos do século XVI. Juntos, esses narradores são muito importantes para nos localizarmos hora no tempo de vivência de Lavínia, hora na própria vida da índia.

Lavínia é descrita como uma mulher à frente do seu tempo. Ela subverte as concessões impostas pela cultura patriarcal e a partir da decisão de estudar na Europa retorna com o desejo eminente de ser independente. A personagem ganha uma casa de herança da sua tia Inês e por influência da mesma, por quem tem uma admiração grande, e pelo convívio na infância, potencializa a vontade de conseguir um emprego e morar sozinha.

Essas possibilidades se concretizam na sua volta e Lavínia consegue um emprego em um escritório de arquitetura em Fátuas, e, depois de algumas reformas na casa, inicia a sua vida independente. Essas decisões marcam definitivamente sua relação com a família. Os pais, conservadores, não aceitam essas conquistas individuais da filha e isso culmina no afastamento quase total dos parentes. Outro fator importante na vida dessa mulher é que ela faz parte da alta sociedade e isso, interfere ainda mais na sua postura contraditória aos costumes da sociedade a que pertence.

No seu primeiro dia de trabalho percebe ser a única mulher que tem um cargo importante no escritório. A outra mulher é a que serve cafezinhos naquele ambiente. Nesse dia conhece seu colega Felipe e tem a impressão que é um homem misterioso e com uma certa superioridade ao se colocar nos projetos que lhe apresenta. Com todas essas impressões sabe que é privilegiada diante da realidade imposta na Nicarágua. Lavínia sonha com um país desenvolvido e mais igual, mas lamenta que à sua volta só se confirmou a deficiência social que impregnava aquele lugar.

Apesar de tudo Lavínia se questionava por aquela realidade social na Nicarágua. E acreditava que a arquitetura seria um caminho para ela ajudar a criar uma identidade própria àquele lugar oprimido pela ditadura e tão influenciado pela cultura americana.

Enquanto isso, quando chegava em casa tinha uma vida solitária. Não sabia cozinhar, não recebia amigos e tinha uma rotina rotulada pelo emprego que tomava bastante do seu tempo. Itzá, acompanhava a vida de Lavínia pela janela que dava no quintal e se questionava sobre essa cultura que via estranha aos seus olhos. Descrevia a mulher dentro de casa como solitária e que não tinha filhos e nem um homem que a pudesse proteger. E a partir dessas descrições fomos percebendo os confrontos das culturas e depois da miscigenação que se

misturaram de certa forma. Sim, herdamos muitas características dos nossos antepassados, entretanto o mundo está em constante transformação.

Felipe despertou sentimentos diversos em Lavínia e ela não o conseguia descrever. Nesse emaranhado de emoções Lavínia um certo dia tomou o suco da laranja e todas aquelas suposições a respeito da dona de casa fizeram sentido quando Itzá entrou no organismo de Lavínia. Ela pode perceber suas angústias, seus desejos e sua personalidade. Dessa forma, a índia iniciou sua influência revolucionária já que revelara na narrativa ter sido guerrilheira na invasão do século XVI.

Itzá conta as façanhas e o confronto que teve no âmbito dos costumes da tribo quando decidiu fugir com o guerreiro Yarince. As mulheres da tribo eram destinadas aos trabalhos domésticos, casar e ter filhos. Quando os espanhóis iniciaram a invasão e tomaram as tribos ela lutou bravamente com os guerrilheiros a ponto de viver nas montanhas onde os índios guerrilheiros se escondiam para atacar os inimigos. A bravura da índia perpassa na própria narrativa.

Por sua vez, Lavínia se amedronta perante a possibilidade de se envolver com Felipe, mesmo que mais tarde isso aconteça, quando, num encontro, fora do escritório, eles conversam e acabam passando a noite juntos. Dali nasce uma relação que deixa Lavínia confusa porque ela acaba se apaixonando por ele, mas não quer que se torne uma relação convencional.

Itzá acompanha essa confusão nos sentimentos de Lavínia e não compreende por que ela não se entrega a essa paixão. Logo ela que subverte a tribo e seus costumes para seguir Yarince e lutar ao lado dele.

Nos dias posteriores, em uma das noites que Lavínia esperava por Felipe, ele chegou muito tarde com um homem ferido à bala. Nesse dia, ela descobriu o mistério que pairava naquele homem que a envolveu. Depois de saber que os dois eram guerrilheiros, clandestinos e conspiravam contra o governo ditador ela desejou que saíssem da sua casa o quanto antes. Não queria perder a tranquilidade que havia naquele lugar.

Esse foi o encontro fundamental das duas personagens: envolvidas com homens guerrilheiros e no desejo de fazer justiça no seu país. A diferença que ainda pairava e que, Itzá não compreendia era porque Lavínia não deixava que seu lado revolucionário fluísse de vez. Desejava que ela se envolvesse nas lutas pelo seu país.

Depois de algum tempo Lavínia, sem o conhecimento de Felipe, entrou no Movimento de Libertação Nacional e através de amigos do namorado descobriu como funcionava a

guerrilha. Na noite que conheceu Sebastián ferido, também conheceu Flor, que era enfermeira, e que, a partir daí, a impulsionou a conhecer o Movimento e a se envolver na guerrilha.

Itzá se reconhece cada vez mais em Lavínia. A mulher que foi no passado, que lutou em prol da sua terra e seu povo. As duas se encontram nesse destino que busca espaço para a mulher e que prova para seus homens que podem se envolver na luta. Tanto Yarince como Felipe tentam deixá-las à margem: o índio encarrega Itzá dos afazeres mais domésticos e o arquiteto deixa Lavínia de fora dos planos de luta. As duas se envolvem mesmo assim, uma aprende a manusear o arco e a flecha e, a outra, aprende a pegar em armas mais modernas.

Contudo Lavínia sabe os riscos que corre e tem medo por ela e por Felipe. No decorrer da narrativa, há uma certa aceitação por parte de Felipe por Lavínia se envolver perigosamente nas tramas contra o ditador. Há, também uma relação de poder entre os dois e ao mesmo tempo, admiração mútua.

Por fim, o amor não se realiza de forma completa com Itzá nem com Lavínia. Elas abrem mão dessa completude em nome da sua terra, por causa de um ideal maior. Itzá, depois de viver anos com o guerrilheiro opta por não ter mais relações sexuais com Yarince para não gerar filhos que pudessem se tornar escravos dos espanhóis, pois, depois de tanto tempo, restaram poucos combatentes e os espanhóis tomariam o poder naquela região. Os dois morreram na luta contra os invasores.

Lavínia também opta por se entregar à guerrilha de forma integral. Naquele momento utilizava seus serviços de arquiteta para entrar na casa de um general. Felipe comandava o plano audacioso, mas ela era essencial para a efetivação do enfrentamento contra o governo. No dia que realizaram a árdua tarefa, Felipe chegou ferido em sua casa e não resistiu à perseguição de soldados do general. Lavínia precisou tomar a frente na luta e invadiu a casa do general com os companheiros da guerrilha. Depois da invasão e de conseguir entrar no quarto onde o general guardava seu arsenal de armas, Lavínia o encontra e atira em sua direção. Ela também foi atingida e morreu, mas não antes de consolidar o fim da ditadura na Nicarágua e lavar a alma de Felipe, que morrera naquela noite.

Contudo, todos escreveram uma parte importante na luta contra governos opressores. Separadas por séculos e unidas por um ideal, Itzá e Lavínia subvertem seu destino e mostram à sociedade a crença por um país livre e um povo igualitário.

A laranjeira que habitava o corpo de Itzá transgrediu por séculos para encontrar Lavínia e encorajá-la a entrar na guerrilha. Duas épocas distintas impulsionadas pelos conflitos que regem um povo.

A revolução acontece não somente no âmbito da mulher e seus vários caminhos a percorrer e sim, ao olhar de uma sociedade, que, enraizada nas crenças mais conservadoras acreditam que o gênero feminino, considerado frágil, se coloca perante todos como serviçal da casa e cuidadora da honra da família.

No entanto direcionando a relevância que tem esse tema vimos a partir dessa mulher revolucionária que encontramos no texto uma perspectiva amorosa perante todos os problemas sociais abordados na obra. Sim, é evidente que na obra *A mulher habitada* percebemos a presença marcante da mulher que luta por liberdade no seu país, entretanto Lavínia nasceu em uma família tradicional da Nicarágua e isso a leva a questionar se realmente está dando um passo certo em sua vida.

O primeiro contato que Lavínia teve com o que era a revolução se revela no texto quando se questiona; “isso era a ditadura... o medo; a mulher dizendo que não sabia nada. Ela dizendo que não queria se envolver. Não saber nada era melhor, o mais seguro.” (BELLI, 2000, p. 81). Fica clara também a vontade de igualar mais os gêneros e então a personagem Lavínia faz introspecções sobre essas diferenças que poderiam ser minimizadas:

No outro dia estava pensando precisamente que homens e mulheres nos especializamos em diferentes capacidades. Nós, por exemplo, temos mais capacidade afetiva. Nisso eles são mais limitados. Precisariam aprender conosco, como nós precisaríamos aprender com eles essa prática mais fluída da autoridade, da responsabilidade. Seria preciso uma troca (BELLI, 2000 p. 241).

O narrador tem um aspecto importante na história porque traz à tona a relação da colonização e da ditadura frente a questões do feminino. A colonização é abordada através da índia Itzá, que, como já foi dito anteriormente, reencarnada em árvore (laranjeira do quintal da casa de Lavínia) em um primeiro momento se vê presa àquele destino desesperador e, ao mesmo tempo inicia uma longa descrição da personagem dentro da casa. O leitor consegue perceber a vida solitária que Lavínia leva, mas ainda, não reconhece as reais características da mulher que existe além daquela janela voltada para o quintal.

Ao longo da narrativa Itzá repensa sua vida e a sua trajetória de luta no período da invasão espanhola na Nicarágua e sofre por não ter, ao final, um destino vitorioso em relação à colonização. Itzá, por sua vez, inicia uma aceitação da condição como árvore e por isso, dá

frutos mostrando mais uma vez uma característica forte da mulher. Podemos considerar análoga a forma como o texto relaciona a mulher e a árvore, como frutíferas. A partir desse momento Lavínia, através do suco da laranja, se deixa penetrar em seus sentimentos mais profundos e Itzá, finalmente desvenda o que estaria por trás da misteriosa dona da casa. Esse é o ponto de aproximação entre a narradora-personagem e Lavínia.

Nessa fase da narrativa a índia começa a sentir o que tanto a perturbava nos comportamentos de Lavínia, a forma como escondia seus sentimentos e temores. A personagem principal também se depara com uma sociedade que não aceita suas escolhas e independência e sua formação em arquitetura a coloca em choque com a realidade de Fáguas (fictícia cidade da Nicarágua). Os mesmos conflitos internos que permearam a vida da índia estão apontados na de Lavínia.

Ao final, o entrelace das duas vidas, mulheres guerreiras, que lutaram em prol de uma libertação da sua terra e do seu corpo nos mostram como esses temas são profundamente pertinentes ao mundo contemporâneo. Estamos ligados a fatores histórico-culturais que nos permeiam. Revoluções e colonizações influenciaram a nossa história. Barthes (2011, p. 19) esclarece:

(...) a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta.

Na trama há vozes narrativas, uma no passado e outra no presente. Como aborda Zinani (2004, 103-104):

Essa duplicação se comunica, também, a personagens e acontecimentos, além de suceder na própria cidade, que apresenta um aspecto manifesto e outro encoberto. O narrador em terceira pessoa se apropria do presente e narra a história atual, expondo os acontecimentos referentes à ditadura e à opressão; enquanto o narrador em primeira pessoa, Itzá, recupera os acontecimentos do século XVI, período em que ocorreu a conquista espanhola, estabelecendo, portanto, uma simetria entre passado e presente. Na realidade, são narradas quatro histórias: a história de Itzá e a da colonização espanhola; a história de Lavínia e a da ditadura somozista.

A escritora se utiliza do fantástico coloca o poder de narrar em uma índia, que segundo suas crenças espera reencarnar em um ser vivo, que no caso é a laranjeira. Surge então a mulher habitada, dando-lhe o poder de observação da personagem principal. Depois,

quando Lavínia toma o suco, novamente a narrativa nos surpreende colocando Itzá no sangue e nos pensamentos da personagem guerrilheira.

A narrativa traz consigo uma ideologia formada por mulheres, cada uma no seu tempo, revolucionárias que impulsionaram socialmente um espaço à mulher. “A narrativa apresenta mulheres fortes, capazes de lutar pelos princípios em que acreditam não se submetendo a imposições de ordem social, econômica ou cultural; isso, sem perder as características da feminilidade.” (ZINANI, 2004, p. 106). Na cultura asteca a mulher também exercia uma função de subalterna porque os homens da tribo que comandavam o lugar. Itzá pensa sobre isso ao narrar seu nascimento no romance:

Ninguém sofreu este nascimento, como aconteceu quando despentei a cabeça entre as pernas de minha mãe. (...) A parteira não enterrou meu xicmetayotl, meu umbigo, no canto escuro da casa (...). Ninguém chorou ao me pôr nome, como teve de fazer minha mãe, porque desde o surgimento longínquo dos loiros, dos homens com pêlos no rosto, todos os augúrios eram tristes e até temiam chamar o adivinho para que me desse nome, me desse meu tonalli (BELLI, 2000, p. 08).

Outro fato relevante é a forma como as personagens encaram o amor. Considerando tempos tão remotos que normalmente priorizavam o amor e a família, Itzá inova deixando a tribo para lutar com o seu amor contra os colonizadores, mas por outro lado não se entrega completamente a esse romance, tomando a difícil decisão de não ter filhos para não servirem aos espanhóis.

Os mesmos conflitos internos que permearam a vida da índia estão apontados na de Lavínia. Segue um trecho do romance em que a narradora Itzá julga o medo da personagem se envolver na guerrilha:

Era como tantas outras... tantas que conheci. Temerosas. Acreditando que assim guardavam a vida. Tantas que terminavam tristes esqueletos, servas nas cozinhas ou decapitadas quando se rendiam de caminhar naqueles barcos que zarpavam para construir cidades longínquas levando nossos homens e elas para as necessidades dos marinheiros. (BELLI, 2000, p. 72).

Como abordado anteriormente, o amor é visto de maneira peculiar na história porque o exemplo que vem dos pais da personagem mostra uma família tradicional que vive de convenções impostas pela sociedade. Tudo que Lavínia não deseja para si. Ela não quer viver de aparências, ela não vive para ser uma mulher dona de casa que vai cuidar de marido e filhos. Ela conhece seu colega de trabalho no escritório de engenharia, Felipe, e implica com o seu jeito engenhoso de tratá-la, logo percebemos o confronto que há entre os gêneros,

temática recorrente na obra. No entanto, acabam se envolvendo ele acaba envolvendo-a na guerrilha.

No decorrer da história a personagem, resistente a sua vida tranquila, decide entrar na luta armada para vivenciar de forma mais direta o mundo revolucionário de Felipe. A acomodação que se dá na obra no primeiro instante na luta na guerrilha não é assimilada da mesma forma em relação a sua vida como mulher. O que percebemos é que Lavínia já há algum tempo havia se libertado das concessões impostas a ela: a personagem enfrenta a sociedade de forma que é independente, mora sozinha, trabalha e vive uma vida só, porém imposta por ela. Itzá observa Lavínia na sua independência quando relata que “só a mulher habita esta moradia e seu jardim. Não tem família, nem senhor, e não é deusa porque teme: trancou portas e cadeados antes de ir embora” (BELLI, 2000, p. 9).

As práticas sociais vivenciadas pela personagem do século XX enfatiza uma cultura ocidental onde estamos enraizados ao amor que procura uma forma de ser romântico, mas que no romance abarca uma ideia que parece impossível, pois são colocados empecilhos para que esse mesmo amor seja aprovado e provado em todo momento.

A história e a relação de tempo estão muito presentes na obra e enaltecem o romance. Trazem ao leitor um entrelace de revoluções tanto do país como uma libertação das mulheres desse período. Itzá relata isso. (BELLI, 2000, p. 82-83):

Muitos assuntos são para mim incompreensíveis, devido ao tempo que o mundo percorreu. Mas há um grande número de relações imutáveis; o que é primário continua sendo essencialmente semelhante. Compreendo, sem medo de errar, a paz e o desassossego; o amor e a inquietude; o desejo e a incerteza; a vitalidade e a tristeza; a fé e a desconfiança; a paixão e o instinto. Compreendo o frio e o calor, a umidade e o áspero, o superficial e o profundo, o sono e a insônia, a fome e a saciedade, o colo e o desamparo.

E mais,

É a paisagem intocável. O homem com suas obras pode mudar traços, aparências: semear ou cortar árvores, mudar o curso dos rios, fazer esses grandes caminhos escuros que marcam desenhos serpenteantes. Mas não pode mover os vulcões, elevar os vales, interferir no cume do céu, evitar a formação de nuvens, a posição do sol e da lua. Semelhante paisagem intocável tem a substância de Lavínia. Por isso posso compreender seu temor, tingi-lo de força.

A escolha das duas vozes narrativas, que mostram a sua autoridade de representar dois períodos da história, que muito bem demonstram a luta da mulher por espaço na sociedade é muito importante para a interpretação da obra como um todo. O entrelace do período da

colonização espanhola e a Ditadura na Nicarágua debatem assuntos cruciais para a sociedade atual.

Contudo narrar, oralmente, pela escrita ou em um romance são maneiras de contar histórias do ser humano e nós, que somos feitos de linguagem, enfatizamos ainda mais o nosso estar no mundo.

Gioconda buscou em Lavínia e Itzá a representatividade de uma época marcada por lutas populares em que as mulheres foram participantes ativas. O ato de narrar proporciona interações de culturas e saberes. A escrita literária harmoniza a história, mas principalmente evidencia a vida de pessoas que lutaram por seus ideais e fizeram de sua vida exemplos de seres humanos capazes de contar e reinventar suas histórias.

3.2 A mulher habitada na visão de alguns críticos

A partir da leitura de diversos estudos sobre esta obra notamos que a maioria deles expressa a temática do feminismo, ou seja, abordam a narrativa a partir da escrita de uma mulher sobre mulheres. As pesquisas nos mostraram aspectos importantes entre eles destacamos um texto “Nicarágua e Gioconda Belli: um diálogo possível”, de Cecil Jeanine Albert Zinani e o livro que publicou através da sua tese de doutorado intitulado *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. Outro estudo que nos foi de grande valia foi “Sob o signo de Tláloc: construção identitária e memorial na obra de Gioconda Belli”, de Bethania Guerra de Lemos entre outros artigos citados no decorrer da pesquisa.

Um ponto de destaque nas leituras que fizemos é o apanhado histórico dos acontecimentos ocorridos no país e que constituem o contexto do romance de Belli. Desde a invasão espanhola no século XVI até a ditadura nicaraguense do século XX há muitos fatores de interesse na relação histórica do país. Dessa forma, na revisão, percebemos que os costumes indígenas e a cultura asteca se mantiveram muito fortes na América Latina. A formação política do país e o governo ditador, e ainda, as lutas de oposição, por sua vez, que seguiram foram pontos importantes nos estudos que acessamos no decorrer do processo.

As personagens Itzá e Lavínia se ligam na obra através de uma explicação mística¹ que se coloca através das crenças indígenas. Compreender esses costumes é importante para dar sentido ao caráter histórico e mítico que permeiam a narrativa. Essa miscigenação que houve

¹ Mística: que não se dá segundo as leis naturais ou físicas; sobrenatural, espiritual.

entre os povos a partir da invasão espanhola é, também, um ponto de compreensão para ressaltar as personagens em questão. Assim como para entender as crenças que estão enraizadas em uma sociedade: o nascimento, a religião, o casamento, entre outros aspectos.

Na pesquisa que realizamos, igualmente, acreditamos que a crítica feminista tem um espaço muito importante nas discussões acerca do livro, no entanto, quando nos deparamos com o modo revolucionário que as personagens agem quando expostas ao amor, percebemos que há um sentimento relevante ao tratar o corpo que lhes pertence e o país em que estão inseridas. Dessa maneira, voltamos nosso estudo para o modo como Lavínia e Itzá correspondem, ou não, ao amor.

Para que chegássemos a essa percepção foram importantes estudos que nos levassem a conhecer a mulher de cada época e sua relação com a paixão pelos homens e pela idolatria à sua terra. Numa percepção geral podemos refletir sobre a obra da escritora no trecho abaixo Santos (2011, p.165):

Os textos de Belli reexaminam os conceitos de liberdade e identidade e questionam o lugar atribuído ao sujeito feminino pelo masculino. A liberação política, sentimental e erótica da mulher está entre os seus temas principais. Suas personagens fogem do estereótipo que prima pela submissão à voz masculina e a negação do corpo e do prazer. Elas têm voz própria, lutam e conquistam seus espaços em todos os âmbitos da vida humana, desde o plano social ao pessoal.

O ato de pensar e tornarmos o humano crítico na sua forma de ver o mundo, ou pelo menos atento ao que acontece e aconteceu no mundo em que vivemos se realiza através da linguagem. Gioconda “transgride as normas sociais e morais que negam à mulher o direito de gozar do seu corpo e de sua sexualidade e reivindica a igualdade feminina nos espaços privados e públicos” (SANTOS, 2011, p.165). Logo a história social está embutida nas linhas de um texto, nas páginas de um livro e se apropriar dela tornou a obra de Belli tão excepcional.

Outro artigo relevante que leva em conta aspectos da feminilidade e da história vistos na obra de Belli é intitulado “Nicarágua e Gioconda Belli: um diálogo possível”, de Cecil Jeanine Albert Zinani. Como percebemos no título o objetivo do texto é mostrar as aproximações que tem a escrita de Belli com a história de seu país, a Nicarágua e, mais, “discute a formação da identidade pessoal e de gênero do sujeito representado na obra de Gioconda Belli, *A mulher habitada*.”

Aqui, mais precisamente, entramos em um estudo direcionado ao primeiro romance da escritora em que através da ficção ela consegue dar voz a personagens femininas relevantes para a história social do seu país. De um lado está Itzá, que representa a cultura indígena e, por conseguinte, a invasão espanhola no tempo da colonização e de outro, Lavínia que, que subverte os tempos de opressão no século XX e no período da ditadura na Nicarágua se envolve na luta armada.

Por esse viés o texto permeia em uma percepção voltada ao feminismo na obra de Belli em que o movimento feminista da década de 1960 é considerado, visto a importância que tem essa discussão em sociedade. Citamos Zinani (2004, p. 01-02):

Esses estudos procuram evidenciar a diferença entre os gêneros e tornar manifesta a subordinação da mulher em muitos setores da sociedade, originando organizações para a discussão dos direitos das mulheres, as quais, também, realimentam, de alguma maneira, as transformações e facultam a evolução desses conhecimentos, possibilitando que o gênero feminino adquira visibilidade.

A autora do estudo aborda a questão de gênero dentro de uma ideologia “como parte de um processo de construção social e cultural, envolvendo a problemática do poder, o que evidencia assimetria e desigualdade.” Nesse sentido percebe-se a dominação patriarcal que não se pode negar na história universal. É fundamental que a escrita da mulher parta de um lugar de protagonismo e que não sejamos meras coadjuvantes na sociedade. Como observamos nesse trecho (2004, p. 02):

A literatura tem sido um local privilegiado para discutir essas questões, especialmente, quando estabelece uma relação dialógica com a história, na medida em que o sujeito de enunciação passa a ser um sujeito gendrado, ou seja, não se trata de inserir a mulher na história já escrita, mas de ver a história através do ponto de vista da mulher.

Zinani (2004) relaciona gênero e nação na obra *A mulher habitada*, que direciona e estabelece as coordenadas para a narrativa das personagens Lavínia e Felipe “em que ficção e realidade se entrecruzam, na reconstituição da história da Nicarágua, disfarçada com o nome de Fúguas, e na discussão do papel da mulher” (2004, p. 02).

Outro aspecto levantado pela pesquisadora é o papel do narrador dentro do romance que ressignifica o passado e alcança de uma forma muito peculiar o presente.

Essa forma de contar a história faz uma interligação entre a colonização espanhola e a Ditadura somozista e aproxima a realidade da mulher na sociedade primitiva e com a contemporânea. A herança indígena vem à tona de forma explícita na narrativa (2004, p. 03):

A presença de Pancho, o avô, sua admiração pelas obras de Júlio Verne e lembranças sobre a colonização, bem como a presença da natureza, configurada pelo trópico indomável, com florestas, lagos e vulcões, são, também, forças poderosas que atuam não só sobre Belli, como, também, sobre a personagem Lavínia, criando condições apropriadas para a descoberta e afirmação da própria identidade.

Zinani também acentua a relação com o real quando cita a autobiografia de Gioconda Belli *Um país sob a minha pele, memórias de amor e guerra* e mostra a relação da escritora com a cultura indígena e seu interesse histórico em resgatar a história da Nicarágua e a luta constante de libertação da terra, (p. 03):

Uma das obras que mais a impressionaram foi um livro de Jaime Wheelock, que, após exaustiva pesquisa da história da Nicarágua, comprovou que a conquista espanhola não foi tranquila, muito menos pacífica, como relata a História Oficial; mas enfrentou significativa resistência dos indígenas. Seu avô materno afirmava que os índios nicaraguenses haviam sido guerrilheiros.

A pesquisa reforça a ideia de que desde os tempos antigos os povos buscavam constantemente a liberdade e mais, as mulheres também tiveram um papel importante nessa busca. Os índios foram guerrilheiros assim como mais tarde, os militantes da força armada na Nicarágua tiveram que ser novamente. A história comprova que o povo, em diferentes períodos, foi oprimido e as minorias (como as mulheres), foram esquecidas ou, pelo menos, ofuscadas nesse espaço de luta.

A pesquisadora questiona a respeito desse espaço que a mulher conquistou e ainda conquista, (p.04):

quem é, efetivamente, esse ser que se debate numa teia formada por um emaranhado de crenças e concepções estabelecidas desde os primórdios da existência humana e em um devir que se está delineando com promessas de liberdade e realização pessoal, uma vez que as obrigações femininas se transformam em opções de cunho individual, o espaço da mulher passa a ser, efetivamente, um espaço privado, próprio, em que, depois da luta pela igualdade, empenha-se para que haja o reconhecimento da diferença, e a história começa a ser reescrita de maneira que ela tenha, efetivamente, seu papel assegurado, não mais como o “outro”, mas como sujeito do processo.

Na narrativa Gioconda estabelece uma relação de Itzá com Lavínia já que as duas têm suas vidas entrelaçadas por uma explicação fantástica e que dá forma aos acontecimentos relacionados às duas épocas. Novamente aqui, Gioconda busca explicações nas crenças místicas para dar voz a índia reencarnada em árvore.

A simbiose entre as duas mulheres ocorre por meio de um simples suco de laranjas, feito com as frutas produzidas pela velha laranjeira e ingerido pela jovem num café da manhã. A partir de então, a presença de Itzá no interior da arquiteta passa a exercer uma influência tão poderosa que possibilita, a Lavínia, transcender, continuamente, seus limites, quer demonstrando conhecimentos que não detém ou, mesmo, realizando ações muito superiores às suas condições.

A narrativa fantástica² traz um cunho importante para a obra de Belli pois ela resgata características que, muitas vezes, são omitidas pela história e acabam por mostrar somente a cultura do país colonizador. Esse pensamento enraizado de que os conquistadores descobriram a América, em parte, trata os povos primitivos como inexistentes pela sociedade ou, geralmente, os coloca como não pertencentes aquele lugar.

A narração, por sua vez, tem o poder de interligar o mundo dos indígenas com a de Lavínia, que representa, a miscigenação. Itzá e Lavínia, duas mulheres que “habitaram os séculos XVI e XX, respectivamente, mas que se assemelham devido a circunstâncias históricas e sociais.” (p.06). As duas épocas citadas foram alvos de uma política autoritária e opressora, onde os povos sofreram na pele a violência de não poder ser livre.

Zinani (2004) mais do que buscar na história algumas relações que a narrativa faz com a política fomenta a visão que é dada à mulher. Ela observa na estrutura do texto de Belli a linguagem utilizada para dar voz a esses tempos conturbados, entretanto a mulher que se apresenta na narrativa é colocada em primeiro plano, pois através de Itzá e Lavínia a obra mostra a luta que as mulheres têm para buscar espaço na sociedade.

Na década de 70, quando a mulher era criada para casar e ter filhos, Lavínia enfrentou essas concessões e alcançou sua independência. Fez faculdade de arquitetura e, ao retornar para a Nicarágua foi morar sozinha e nesse estudo Zinani coloca a dificuldade que a mulher encarava para provar que podia ter um cargo bom em uma empresa. Lavínia “era a única

² Narrativa fantástica: é um gênero literário em que narrativas ficcionais estão centradas em elementos não existentes ou não reconhecidos na realidade, pela ciência dos tempos em que a obra foi escrita. ... Todo texto fantástico tem elementos inverossímeis, imaginários, distantes da realidade dos homens.

mulher com cargo importante; todas as outras eram secretárias, assistentes, faxineiras” (BELLI, 2000, p. 35).

Depois de encarar um espaço dominado por homens a personagem mostra a capacidade que tem para a vaga e conquista seu espaço. Nesse trecho do texto o estudo abarca essa transição (2004, p. 07):

Através de uma atuação séria e competente, subverte a imagem de objeto de decoração que, inicialmente, deixara transparecer e conquista o respeito dos colegas homens. Isso acontece devido à sua personalidade, à educação recebida, e, também, ao fato de haver nascido num estrato privilegiado da sociedade.

O preconceito emerge quando se trata de pessoas menos valorizadas, no entanto, percebemos que, por ela ser de uma família privilegiada e por ter estudado, ela tem um certo crédito, na visão masculina, apesar de ser mulher.

O texto também mostra a índia Itzá num aspecto de conquista no espaço da tribo, com seu povo. Ela transgrede os cuidados na aldeia e se torna uma “guerreira na luta contra os espanhóis. Sua atuação não é bem vista nem pelos guerreiros, tampouco pelas mulheres das outras tribos.” (p. 07) Zinani caracteriza a personagem (2004, p.07):

A indígena propõe um modelo de mulher consciente dos problemas de seu país, portanto, engajada no processo de construção de uma nação em que as pessoas possam viver livres da escravidão e com dignidade. Além disso, apresenta forte componente emancipatório, pois realiza o que considera adequado, sem levar em consideração as convenções sociais e culturais de sua época.

Nesse trecho ela aponta os desafios da escolha controversa para a cultura indígena e, ao mesmo tempo, demonstra a importância de encarar uma mudança para a mulher naquele espaço. Essa concepção abrange as duas realidades impostas à Lavínia e a Itzá.

Segundo Showalter (1994), citado por Zinani, no texto “a ficção escrita por mulheres constitui um modelo polifônico”. Ela aborda uma linguagem palimpséstica, que a teoria de Gilbert e Gubar teorizam, ela serve como base para explicar a voz da mulher que aparece na escrita e “impõe um duplo esforço de decodificação, uma vez que remete para a necessidade da leitura das entrelinhas e da interpretação do não-dito, o que viabiliza o entendimento do sentido latente do texto – a história silenciada.” (p.08).

Assim, esse texto observa que, na obra *A mulher habitada*, a libertação aparece não só na busca do espaço da mulher, mas também da consciência do homem e a percepção da cultura que está enraizada na sociedade a décadas. Zinani aponta duas “possibilidades de

leitura” para a obra em questão: “primeiramente, pela leitura oblíqua, realizada de uma posição marginalizada, que consiste na apresentação da história da colonização da América Central a partir da perspectiva do vencido.” (p. 08). O segundo ponto que o texto coloca é afirmado no trecho a seguir (p.08):

Impõe-se o confronto dos planos narrativos, na medida em que se estabelece uma relação dialética entre passado e presente, em que o passado dialoga, complementa e explicita o presente, orientando e organizando a estruturação de uma nova realidade, em que os papéis de mulheres e de homens são redefinidos, e o conceito de nação é redimensionado.

Novamente o texto confronta os costumes indígenas como fundamentais para a interpretação do texto. A autora cita um trecho em que a tradição da Índia explica o nascimento (BELLI, 2000, p. 08):

Ninguém sofreu este nascimento, como aconteceu quando despentei a cabeça entre as pernas de minha mãe. (...) A parteira não enterrou meu xicmetayotl, meu umbigo, no canto escuro da casa (...). Ninguém chorou ao me pôr nome, como teve de fazer minha mãe, porque desde o surgimento longínquo dos loiros, dos homens com pelos no rosto, todos os augúrios eram tristes e até temiam chamar o adivinho para que me desse nome, me desse meu tonalli.

A referência que a obra faz ao dialeto indígena é evidente nesse trecho, reafirmando a carga histórica que perpassa na narrativa e a pesquisa que Gioconda Belli fez para obter informações importantes da cultura dos índios. “Os deuses e deusas astecas, a cultura e os costumes tribais invocados, também, estabelecem um contraponto com a civilização contemporânea.” (p. 09). Outros exemplos da relação com mítico a pesquisadora aponta a seguir (ZINANI apud BELLI):

Os vários sinais, que indiciam os mais diversos prognósticos, remetem para um universo mágico, reduto, desde tempos imemoriais, das mulheres, sacerdotisas que guardavam os objetos e as poções ritualísticas. Essa imersão no mundo mágico está presente na fala de Itzá “(...) todos os augúrios eram tristes...”, (BELLI, 2000, p. 08) e, também, no pensamento de Lavínia: “Devem ser as chuvas tardias de dezembro, pensou Lavínia. ‘Chuvas fora de estação, sinais de prodígio’, costumava dizer seu avô” (BELLI, 2000, p. 09). “Era bom presságio que a árvore tivesse florido justamente nesse dia” (BELLI, 2000, p. 10).

A preocupação que o estudo coloca na linguagem se evidencia visto que a crítica feminista é considerada “pois a mulher, como leitora, precisa ter acesso a essa modalidade de

expressão para que possa identificar as operações retóricas transmissoras da ideologia do texto.” (p.09).

A autora chama a atenção para a importância da mulher consciente do seu papel enquanto receptora desse pensamento que perpassa a dominação patriarcal. Através da escrita da mulher que, se coloca frente a questão desafiadora que é sair do lugar de espectadora e se tornar sujeito na história, “subvertendo os conceitos tradicionais e possibilitando a criação de uma identidade de gênero” (p.10)

O “outro” reiterado pelo texto, revela uma pesquisa que considera a duplicidade nas personagens, como já dito anteriormente, Zinani (2004) afirma, sobre a influência desse outro na vida de Lavínia:

O outro eu, embora a jovem não esteja percebendo, não é, apenas, o resultado de uma infância repleta de histórias de aventuras, veiculadas por seus livros favoritos, nem pelo excesso de imaginação do avô, que povoara sua vida de sonhos, é influência de Itzá, que está sinalizando o caminho, orientando suas reações, a fim de conduzi-la para o engajamento na esperança da utopia antevista na época do descobrimento e cuja realização não foi possível no século XVI.

Essas visões de Lavínia são colocadas nesse trecho, na narrativa (BELLI, 2000, p. 71):

Lavínia inclinou-se sobre a mesa, pôs a cabeça sobre os braços e fechou os olhos. Sentia-se cansada, exausta; uma culpa vinda de resquícios escuros a invadia. Imagens estranhas de povoados em chamas, homens morenos lutando contra cachorros selvagens. Fantasmas de pesadelos diurnos clamavam em sua mente.

Depois de fazer uma análise das personagens, confrontando o status social em que se encontravam e a ideologia que as aproximavam, a autora afirma que “passado e presente são forças históricas imbricadas, cuja síntese contém os elementos fundamentais para a estruturação da identidade da jovem.” (p.10)

A partir do teórico J. L. Ferreira, com o texto intitulado *Incas e astecas: culturas pré-colombianas* Zinani acrescenta características do povo asteca e detalha aspectos importantes para dar sentido a história contada por Gioconda relatando “a mitologia asteca, que perpassa o imaginário dos indígenas, orienta os padrões de conduta, na medida em que é vivida ritualmente,” (p.11) ainda, busca compreender a tradição para trazer à obra a interligação com a contemporaneidade, ou seja, o atual se mistura com o já vivido e influencia-o.

A influência se dá através dos gostos da personagem Lavínia que remetem à cultura asteca, mas são inconscientes para ela. Assim, confirma-se, na narrativa a ligação que se tem

com o antigo e que se passa culturalmente através dos tempos, mostrando a força que tem a linguagem de um povo. A história está viva, ela é feita pelas pessoas que habitam em diferentes períodos, Lavínia representa essa força histórica e cultural de um povo (p.12):

Os arcos, as flechas, os arcabuzes que desenha, o gosto por decoração folclórica, a visão de batalhas sangrentas, ao afirmar a presença indígena no próprio sangue, ou seja, remete para a carga histórica que perpassa a consciência da jovem que, juntamente com os aspectos físicos – vulcões, lagos, vegetação tropical –, estão delineando os contornos de uma identidade que vai encontrar, na própria terra e na história de seu povo, o modo de ser e a justificativa.

Itzá, por sua vez, se dá conta do que aconteceu desde que morrera numa batalha contra os invasores espanhóis. Percebe que a sociedade é outra, que existe uma mescla do seu povo com os colonizadores e vê em Lavínia a possibilidade de libertação da terra que ela mesma não teve quando lutou contra os espanhóis.

A pesquisadora Cecil Jeanine Albert Zinani em seu livro *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina* (2013) que, foi na sua origem, sua tese de doutorado, compila vários temas nos capítulos que seguem. Entre os assuntos mais relevantes para o nosso estudo está a manifestação do feminino na sociedade perante temas como identidade, amor, medo, utopia e todas as relações que são pertinentes ao mundo da mulher enquanto ser que coexiste em nossa sociedade. Consideramos importante revisitar, através das leituras, os estudos acerca do gênero nos dias atuais. Fizemos, a partir disso, um esboço da abordagem realizada pela estudiosa em questão.

Zinani (2013) reserva uma parte da sua pesquisa a conceitos sobre o amor, o medo e a identidade nas quais fundamenta conceitos importantes sobre o tema ligado ao gênero. Nesse caso a autora distingue esses sentimentos e comportamentos em relação ao homem e à mulher. Ela afirma que o amor constrói a vivência do ser humano “em que cada um procura o bem do outro como seu próprio” (p.126) e ainda que esse sentimento é “objetivamente constatável e muito significativo para o equilíbrio da personalidade e a conservação da identidade.” (p. 126).

A pesquisa também aborda o amor na perspectiva que revela que é um tema relevante na escrita de mulheres por ser de “caráter intimista e confessional, e na literatura romântica.” (p.126). E nessa abordagem Cecil cita Abbagnano (1999, p.50) que considera o fenômeno amoroso “uma unidade absoluta ou infinita, ou seja, consciência, desejo ou projeto de tal unidade”. O estudioso ainda prepondera que existem consequências na forma de amar: uma

ligada à “infelicidade amorosa” que está fora da realidade humana e a outra ao amor humano que está ligado ao fracasso. E dessa forma, diferencia o sentimento vinculado ao gênero.

Segundo a autora e a partir da obra *A mulher habitada*, ela observa que existem aspectos culturais que enfocam o amor visto a partir do homem ou da mulher. Dessa maneira ela constata que, para o homem “o amor está ligado a aspectos destrutivos”, por isso necessita manter seus pensamentos voltados à luta contra o inimigo “uma vez que esta é a finalidade de sua existência.” (p.127). Porém, Yarince foi apreendido muitas vezes pelos sacerdotes da tribo por manter Itzá ao seu lado, ou seja, para a indígena, “o amor é um sentimento nobre, compartilhado por homens e mulheres” (p.127). Nessa perspectiva, para Zinani há uma “possibilidade de se definirem novos papéis de gênero”, no entanto ela afirma, por outro lado que “os homens ocultam o sentimento amoroso”, dificultando esse processo.

Com a personagem Lavínia a pesquisa se volta, mais uma vez, a esse aspecto amoroso “quando verifica a dificuldade de partilhar os problemas com Felipe” (p.128). A autora compreende Felipe como um homem machista, ele é um personagem masculino moderno, entretanto, não se entrega ao amor claramente. A autora considera que Lavínia vê o amor como “uma maldição feminina.” A personagem, ainda se questiona sobre como o homem consegue viver sem que os sentimentos “não perturbem a sua vida cotidiana.”

Cecil finaliza o tema amoroso distinguindo como o amor é visto em ambos os sexos: “enquanto, para as mulheres, o amor é o centro de suas vidas, para os homens, é apenas uma parte que não interfere na normalidade de sua existência.” (p. 128). Contudo, a forma como a sociedade tradicional vê o amor perante o gênero mostra a consistência que tomou esse tipo de percepção para o feminino.

O medo é outra temática abordada na pesquisa de Zinani em que ela aponta fatores que são comuns aos sentimentos característicos das mulheres. “É uma emoção associada à perspectiva de mal iminente que passa a ser um companheiro constante um companheiro constante” (p. 129). Como no amor, Lavínia sente medo ao descobrir o envolvimento de Felipe no Movimento contra o governo ditador. No entanto, segundo Cecil “para Itzá, o medo de Lavínia tem caráter destruidor porque é enganoso. Foi o medo que impediu que seu povo, muito mais numeroso, derrotasse os espanhóis que ali chegaram em número muito inferior.” (p.129)

Cecil também considera que o medo possa ser positivo no momento que impulsiona a personagem para o enfrentamento “em seu aspecto produtivo, como elemento que preserva a vida, através da manutenção da lucidez e do equilíbrio.” (p.130).

Zinani associa o medo ao gênero feminino apesar de entender que todo o humano tem medo e compara Lavínia, em uma caverna, como aquelas mulheres primitivas que esperavam a volta de seus homens. Outra forma de perceber a angústia da personagem, segundo a pesquisadora, é através das premonições. A índia também tem essas intuições sobre Lavínia dessa “posição de observadora privilegiada, a indígena presencia as batalhas interiores da jovem arquiteta, as alterações que estão se processando de maneira a prepará-la para seu destino, onde ela, finalmente, encontrará a paz.” (p.132).

A autora afirma ao final que “as emoções, além de prerrogativas do ser humano, são reações, de cunho afetivo que provêm das camadas mais profundas do ser, sendo, também, muitas vezes, responsáveis pela realização de atos que independem da racionalidade.” (p.133). E, ainda, complementa, “a participação na construção de um mundo melhor também é um favor significativo na constituição da identidade e integração da personalidade” (p.134). Identidade essa que é outro assunto pertinente para a construção de uma utopia, segundo a estudiosa.

A autora cita More, (1999) quanto considera que a “utopia designa uma dimensão do espírito humano que procura demonstrar não aquilo que existe, mas aquilo que se desejaria que existisse.” (p. 134). Esse lugar idealizado pelas personagens Itzá e Lavínia “onde impere justiça, no qual as oportunidades sejam acessíveis de acordo com o princípio da equidade” encontramos na cidade de Fáguas. Um lugar de contrastes onde os mais poderosos copiam os costumes americanos enquanto o menos favorecidos se veem oprimidos pela miséria. Então Cecil aborda as questões voltadas a busca por um mundo melhor.

A personagem Lavínia é exemplo da complexidade das duas realidades da Nicarágua e que interfere na sua identidade e “reconhece o espírito romanesco que a domina, produto de uma educação voltada para a fantasia, sem preocupações com o estabelecimento de elos entre sonho e realidade.” (p.136). A realidade da personagem, antes de voltar para sua cidade, era voltada à alta sociedade. Depois da sua chegada e, já como arquiteta, ela percebe a triste vida que as pessoas mais pobres levavam naquele lugar.

Cecil compara os guerrilheiros a quixotes porque, “envolve a guerrilha com uma aura de sonho, de irrealidade, retirando a ação guerrilheira do mundo concreto para remetê-la para o plano da fantasia.” (p.137). E ainda, relaciona os visionários às “grandes invenções, os fatos mais importantes da humanidade são precedidos pelos sonhos daqueles... que, não aceitando o *status quo*, idealizam um mundo diferente, para o qual contribuem com sua visão prospectiva.” (p.137).

Dentre essas explicações sobre o feminino e o que está envolto na sua vivência na sociedade também encontramos na construção da identidade um caráter simbólico citado por Zinani e entre eles se colocam o duplo, os mitos e os símbolos.

A duplicidade que existe na narrativa abre novamente questões sobre a identidade porque organiza e orienta a subjetividade, segundo a pesquisadora. Os mitos, por sua vez, “são modalidades de perceber aspectos da realidade humana que possibilitam o afloramento da função simbolizadora da imaginação.” (p.143). Nessa perspectiva, Cecil aborda o livro *O segundo sexo*, de Beauvoir (1980) para adentrar na relação com o gênero e assim explicar que, “historicamente, sabe-se que o poder sempre foi do homem que, para afirmar-se, necessita do Outro que o limita e o nega, restando à mulher a condição subalterna, o inessencial que nunca se torna o essencial.” (p.143).

O mito está relacionado assim às personagens Itzá e Lavínia porque através da reencarnação em árvore a índia representa os ritos de fecundidade e assim, ela “penetra na velha laranjeira, que, jamais havia produzido frutos, fertilizando-a e criando condições para que flores desabrochem e frutos despontem, possibilitando o cruzamento dos destinos da índia asteca e da jovem arquiteta.” (p. 143-144).

Na tese de Lemos a obra *A mulher habitada* “constrói-se através de uma estrutura onde o plano mágico se entrelaça com o real palpável.” A pesquisa relaciona a narrativa com o pós-boom, ou seja, “o romance mescla elementos de uma tradição do realismo mágico hispano-americano com aspectos documentais, narrando ações e situações históricas do recente passado ditatorial da Nicarágua.” (2008, p. 181)

Logo, o estudo relaciona a vida da personagem com a vida da escritora Gioconda Belli, Lemos (2008, p. 184):

O processo de transformação da personalidade de Lavínia está intimamente relacionado a sua profissão. Ao concluir o esforço acadêmico de voltar ao país como arquiteta, a personagem pretendia poder contribuir para a construção de um lugar melhor para a vida dos habitantes de sua cidade. Também nesse momento da narrativa a vida da autora é a fonte dos aspectos reais que baseiam a primeira decisão de Lavínia. A origem de classe e os estudos na Itália provêm da vida de Gioconda Belli.

O texto remete diretamente às questões sociais que permeiam a vida da mulher em sociedade, “a luta pessoal se inicia contra o estabelecimento de limites no trabalho, impostos pelos colegas do sexo masculino, que tentam justificar a discriminação com a alegação de Lavínia ser do sexo feminino.” (2008, p. 184)

O estudo também remete ao relacionamento de Lavínia com Felipe que diretamente a coloca perto do Movimento contra o governo ditador, no entanto a influenciadora para a personagem entrar na luta armada é Itzá, que através do suco de laranja penetra na corrente sanguínea de Lavínia, e assim a faz decidir se envolver com o grupo clandestino.

O amor de Felipe funciona como uma alavanca para o processo, mas não o define. O que determina a mudança da personagem é a “presença” de Itzá, a qual na época da conquista espanhola também deixou a casa paterna para se unir aos homens nas batalhas da resistência indígena. (Lemos, 2008, p. 186)

Lemos vê o romance de Lavínia com Felipe como erótico “constante em sua obra poética anterior e que, longe que restringir-se a elementos sensuais, configurasse como espaço amplo ao que se incorporam as relações da mulher com a natureza.” (2008, p. 187)

O estudo ainda apresenta as características das personagens femininas da obra:

Sara, a amiga de Lavínia, tradicional dona-de-casa burguesa e submissa; Flor, a revolucionária determinada, para quem o bem comum é infinitamente superior ao bem individual; Lucrécia, a empregada de Lavínia, mulher do povo, sem estudos, carente de toda formação e consciência social e com ínfimas possibilidades de emancipação; Itzá, guerreira, decidida, mística, e certa da necessidade da resistência seja em seu tempo ou nos posteriores; e a própria Lavínia, que se debate entre dois mundos, se transforma e começa um processo sem volta de definição política. (Lemos, 2008, p. 188-189)

O espaço em que Lavínia vive se transforma completamente quando decide ser guerrilheira e lutar pela liberdade de seu país, “sua casa converte-se em uma espécie de “enfermaria de referência” e sua origem burguesa é a fachada ideal para que os companheiros não sejam encontrados e conseqüentemente encarcerados e torturados.” (2008, p. 191)

A relação de vida e morte que interligam as personagens Itzá e Lavínia é abordada por Lemos nesse trecho (2008, p. 194)

Em uma estruturação cíclica, o desfecho do romance, com o assassinato de Lavínia, apresenta imediatamente a negação desta morte, na certeza do renascimento como memória. Da mesma forma que a narrativa se inicia com a volta de Itzá, finaliza com a narração, feita pela indígena, da morte de Lavínia. Ambas mortes fazem parte de um processo começado na natureza e retornado a ela: em forma de árvore, pássaros e história.

Para Lemos (2008) “o romance termina *em aberto*, anunciando a necessidade da contínua busca da identidade.” Ainda afirma que “nas obras de Belli a mulher, dona de seu corpo, pode vivenciar sua sexualidade sem que para isso precise responder antes aos códigos

de moral e conduta patriarcais e capitalistas, e também pode dispor dele como veículo da atuação no mundo da política.” (2008, p. 222)

A estudiosa aborda ainda, a capacidade de a narrativa mostrar a força do corpo que revela a identidade da mulher diante do percurso da vida “onde a mulher é o centro da ação, ela habita e é habitada. Os elementos que fazem parte do jogo corpóreo nos romances, são femininos: a casa, a árvore, a selva, a terra.” (2008, p. 224)

Dessa forma a tese compreende que “os romances de Belli conseguem entrelaçar diferentes realidades na construção de um território múltiplo”. (2008, p. 314)

4 A TEMÁTICA AMOROSA

Quando nos deparamos com a obra *A mulher habitada* de Gioconda Belli vimos um enredo com uma abordagem que se direciona para o feminino, visto que as personagens principais da narrativa lutam por espaço na sociedade, buscando uma igualdade entre os gêneros. Como já vimos no referencial teórico, as questões sociais e de gênero são muito estudadas no livro.

A forma como Itzá e Lavínia se relacionam na obra levantou algumas hipóteses relevantes para a nossa pesquisa. Dessa maneira, a relação com a sociedade, a família e os referidos pares das personagens nos fizeram adentrar nesse tema. Em geral não encontramos estudos aprofundados sobre o amor na obra de Belli e isso nos levou a outros questionamentos sobre como as personagens agem diante de um amor conflituoso e em meio às lutas sociais bem como observamos o modo revolucionário em que esses relacionamentos persistem ou não.

O amor impossibilitado e o tema abordado, por nós, neste capítulo porque percebemos que é um assunto significativo dentro do enredo e nos diz muito da condição humana e da forma como os seres se relacionam em sociedade. Logo, numa perspectiva hermenêutica o texto se mostrou para nós de uma forma intensa e disse muito sobre o amor. Rougemont (1988, p. 17):

De onde vem esse encanto? E que cumplicidades esse artifício de "retórica profunda" sabe despertar em nossos corações? Que a combinação entre amor e morte seja aquilo que nos toca mais profundamente é um fato que estabelece à primeira vista o prodigioso sucesso do romance. Há outras razões, mais secretas, para vermos nisso como que uma definição da consciência ocidental.

4.1 O que é o amor?

Usamos como referência um livro de Betty Milan intitulado *O que é amor*. (1991) para abordarmos um assunto tão primoroso e essencial ao ser humano. Como a epígrafe na introdução da sétima edição afirma “O amor? “ele talvez surja de uma falha súbita na lógica do universo” (MILAN apud MARGUERITE DURAS, 1991, p.07) e seja um encantamento inexplicável como tudo que envolve o que é emoção e vem da alma. Como a autora mesmo afirma há uma subjetividade ao falar do tema e esclarece que “um livro onde o amor fosse objetivado seria contrário ao amor, que não se deixa acorrentar”. (p.07-08)

Esse é um sentimento tão absurdamente inexplicável que os seres humanos muitas vezes o negam e não o entendem. “O amor não pede licença para entrar, surge já instalado; o desejo que me determina goza da mesma autonomia” (p.10). E desse não entender surge o fazer sem pensar ou o deixar de fazer para suprir regras impostas pela sociedade. Não nos permitimos somente sentir. Milan (1991, p.11) afirma:

Não fosse o amor a vida não vingaria, nós, entretanto o ignoramos a ponto de menosprezá-lo. Não é então ridícula a confissão pública de uma paixão? Acaso se autoriza aos homens, quando entre si, a falar de algum amor que não o físico? apresentar-se como um ser a quem o outro falta? Nunca. Quanto às mulheres, na verdade que lhes é dado falar de amor. Não será assim, entretanto precisamente por estarem elas de certa forma marginalizadas?

Nesse trecho a autora coloca em questão o amor visto pelo homem e pela mulher. Para o primeiro é relacionado o amor ao prazer físico e à segunda o amor romantizado. Para ambos o amor parece estar prescrito como uma fórmula a ser usada, mas, na verdade, não é tão simples, (1991, p.12):

Sendo uma paixão o amor é indissociável de um certo não saber. Apresenta-se como um enigma e nunca se deixa decifrar inteiramente. Impossível saber por que quero tanto e a tal ponto disso dependo, porque ele me ama ou é ele que amo. Ainda que consiga individualizar algo de cativante no seu rosto, no corpo, na postura, no seu modo de sorrir ou de falar, nenhum desses elementos é suficiente para me explicar a razão do amor, que se furta invariavelmente. Não quer isto dizer que na realidade não escolho, sou tomado; ou, em outras palavras, a escolha é inconsciente.

E nesse inesgotável não saber como surge o amor e como agimos em relação ao que sentimos percebemos que estamos relacionamos a um outro, logo sentimos amor por alguém. Milan, (1991, p. 14) acredita que:

o amor é uma promessa que não se cumpre e só por o ignorarmos acreditamos nas suas juras, entregamo-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias. Indissociável do ódio, o amor o é ainda de uma outra paixão humana, a paixão tão humana da ignorância.

A autora faz uma dissociação entre o amor e a paz e coloca que “quem ama está sujeito à briga.” Entretanto, também afirma que não precisa ser uma guerra. “a briga dos amantes é de amor, visa ao acordo e só se resolve através deste.” A briga “ocorre para ser superada, daí a rapidez na reconciliação e o pronto desvanecimento de diferenças aparentemente profundas.” (p.17). Logo:

O amor provoca a desavença, pelo mesmo motivo procura evitar a ruptura e leva à submissão. No ser do amado realizar-se o do amante que sem aquele ficaria despojado de si mesmo e não quer pois se separar, reconhece no desejo do outro o próprio e já não hesita em ceder.

Milan define o amor como “uma promessa e assim faz doer e faz sonhar, entrega-me à tristeza para produzir imprevisivelmente o encontro – que o amor só se encontra onde não é procurado, aparece e se dá.” E ainda complementa essa confusão de sentimentos questionando “o que é, entretanto, este desejo senão o de confiar ao outro precisamente aquilo que me falta; dar-lhe o que não tenho expondo assim a minha falha?” (p.20)

A relação da morte com o amor também é colocada no estudo. “Ama-se mais do que a própria vida, morre-se de amor, expressões que poderiam se referir à personagem de conto e mesmo hoje não são pouco usuais – o amor sem a morte não existe.” (p.23)

O amor traz consigo a solidão e a necessidade do outro. Uma falta “que ninguém senão o amado pode suprir e eu própria não tenho como amenizar; ele não está para me consolar da sua ausência e eu, imaginando-me onde ele está, não conto comigo mesma.” (p. 28). E assim “o amado é a luz, na sua ausência o amante sofre sem, contudo, procurar afastar de si a dor, pelo contrário chega mesmo a cultivá-la.” (p.30)

Enfim, “deprecia-se o sentimento amoroso e, no entanto, quero o amor, é dele que falo a cada encontro.” (p.63) E ainda, “contrariando a ideia que se quer fazer dele, o amor é infeliz, frustra invariavelmente a promessa de um “happy end”” (p. 59).

4.2 O mito do amor irrealizado: Tristão e Isolda

“Tristão e Isolda é a matriz das histórias de amor em que os apaixonados se amam loucamente e morrem de amar, contra tudo e todos, contra o mundo.” (WISNIK, 1987, p.195)

A história de Tristão e Isolda tem origem em uma lenda contada nos tempos da cavalaria na França, nas representações dos trovadores no século XII, e somente depois foi escrita e publicada em livro. Existem versões diferentes da história por se tratar de algo que é contado e recontado por muitos séculos. No nosso estudo nos referimos ao livro *Tristão e Isolda*, tradução de Maria do Anjo Braamcamp Figueiredo. 6. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992, (Clássicos Francisco Alves). É uma narrativa que fala sobre reis e rainhas e sobre um tempo de conquista de territórios onde os casamentos eram tratados entre povos que buscavam manter o poder e fazê-lo mais forte.

Dentro dessa realidade surge essa história de amor e morte em que, apesar de todas as adversidades impostas pela sociedade, o casal subverte regras e vive um grande amor, não para sempre, entretanto, apesar de se tratar de dois jovens de classe favorecida a lenda chega a todo povo por abordar questões relacionadas à Igreja. A moral cristã era seguida rigorosamente e o casamento era sagrado e condenava o desejo e o prazer. A mulher era considerada perigosa ao homem, e que instiga a desordem. As relações entre mulheres e homens deveriam ser regradas a um ponto máximo para o bom funcionamento da sociedade.

O mito do amor acontece quando as duas personagens se entregam à paixão, mas morrem sem vivê-lo plenamente. Tristão e Isolda, no enredo, bebem uma poção mágica através da qual surge o amor. Esse filtro caracteriza o encantamento e esse ponto inicial de ligação entre os dois.

Antes, Tristão conhece Isolda porque luta para proteger seu tio de um inimigo e acaba envenenado. O tio, Rei Marcos, segue a tradição e coloca o cavaleiro em uma balsa no rio seguindo uma profecia de que o destino o levaria à cura ou ele morreria. Então, as águas o levam a Isolda. A mãe da princesa tem conhecimento sobre poções e encontra a cura de Tristão.

Depois de algum tempo, o cavaleiro retorna e todos ficam impressionados com sua volta. Mais uma vez ele reafirma sua lealdade perante o rei. Por sua vez, o Rei Marcos se sente pressionado pelo povo a casar. Então resolve dizer que se casará com uma dama que terão que encontrar com os cabelos muito loiros. Tristão aceita a missão de imediato por saber que Isolda será a pretendente com essas características.

O cavaleiro vai em busca do prometido e a poção mágica é bebida por ambos na viagem em que traz Isolda para o rei. Mesmo apaixonados, a moça casa com Marcos e os dois amantes se encontram às escondidas enganando o rei.

Depois de algum tempo o rei descobre a traição e rompe com os dois. Eles vão viver limitadamente no meio da mata, no entanto não conseguem viver harmoniosamente por se sentirem culpados perante o rei. Tristão resolve devolver a amada para sua vida de casada e vai viver em outro lugar onde se casa.

Os dois apaixonados vivem um período sem se ver, mas Tristão não suporta a distância e envia uma mensagem para Isolda vir ao encontro dele para finalmente viverem esse grande amor. Se ela estivesse na embarcação ele viria de longe um sinal deixado pelo marinheiro avisando da chegada da amada.

Isolda recebe a mensagem e prontamente viaja ao encontro do grande amor, mas a esposa de Tristão trama uma armadilha e o sinal não é colocado na embarcação. Quando o cavaleiro avista o barco morre de tanta tristeza por saber que Isolda não viria ao encontro dele. Isolda, por sua vez, chega até o amado e o encontra morto. Logo o amor não se realiza e os amantes são separados para sempre, somente o que os une é o amor que sentiam um pelo outro.

4.3 A visão de Rougemont e Wisnik

O livro *O amor e o Ocidente*, de Denis de Rougemont é um dos textos mais completos sobre a teoria amorosa. Ele aborda de forma minuciosa o mito de Tristão e Isolda na literatura. O romance abriu o tema para que até hoje nas páginas dos livros encontremos a questão amorosa na sua plenitude, como afirma Rougemont (1988, p.17):

Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o fato fundamental.

Quem nunca se imaginou em um romance e ainda, em uma paixão avassaladora, dessas contadas nos livros? A literatura dá acesso a esse mundo de amor e ao mesmo tempo de ilusão que “chegamos a considerá-la (a paixão) uma promessa de vida mais viva, uma

força que transfigura, algo situado além da felicidade e do sofrimento, uma beatitude ardente” (ROUGEMONT, 1988, p.7).

Em geral, o amor, no seu sentido mais romântico é aceito de forma a enaltecer o sentimento, enquanto a paixão é vista com maus-olhos porque ela contempla, segundo a tradição, o adultério. Isso revela uma sociedade preconceituosa e que não aceita a infelicidade do amor, somente os finais felizes dos amados.

Rougemont explana a situação do amor na sociedade visto através de concessões morais e de questões proibidas e questiona a forma como tratamos o tema amoroso.

Acaso vivemos numa tal ilusão, numa tal "mistificação", que teríamos realmente esquecido essa infelicidade? Ou devemos acreditar que preferimos no íntimo o que nos fere e nos exalta ao que aparentemente satisfaria nosso ideal de vida harmoniosa?

Essa ilusão permite que a vida seja romantizada como se somente, existisse felicidade perante o amor. Rougemont cita, em relação a literatura, os ocidentais como os mais incisivos em tratar de adultério e, em contrapartida, escrevemos histórias do casamento de forma a trazer uma estabilidade emocional, que está longe da felicidade. Logo, o adultério só existe porque temos o casamento como forma de união entre o casal. Novamente o autor questiona sobre como consideramos esse tema:

Qual é a origem dessa contradição? Se o segredo da crise do casamento é simplesmente a atração pelo proibido, de onde nos vem esse gosto pela infelicidade? Que conceito de amor ele sugere? Que segredo de nossa existência, de nosso espírito, talvez de nossa história? (ROUGEMONT, 1988, p. 19).

Rougemont cita o mito de Tristão e Isolda, que gerou as discussões de amor da sua pesquisa e coloca frente “à desordem extrema de nossos costumes, na confusão das morais e dos imoralismos daí decorrentes, nos momentos mais sublimes de um drama, certamente vemos transparecer em filigrana essa forma mítica” (p.22), remetendo assim a um amor que não se explica através do casamento, mas tem origem no rompimento do sagrado perante os homens.

Considera ainda que “num sentido mais restrito, os mitos traduzem *as regras de conduta* de um grupo social ou religioso”. A maneira como encaramos a crença é relevante visto que “o caráter mais profundo do mito é o poder que exerce sobre nós, geralmente à *nossa revelia*.” (1988, p.19-20) O autor propõe “considerar *Tristão* não uma obra literária,

mas uma relação entre homem e a mulher num determinado grupo histórico: a elite social, a sociedade cortês e imbuída de cavalaria dos séculos XII e XIII.” (1988, p.20). Ou seja, existe uma tradição e regras impostas à sociedade e a partir disso podemos pensar o mito contra ou a favor do vivido nos tempos mais antigos, onde imperava a cavalaria.

Encontramos no mito de Tristão e Isolda a entrega de dois corpos sem moralismo apesar de que, em seguida, surgem os conflitos postos pela sociedade e recomeça todo um processo de culpa em torno dos amados, “*mas precisamos de um mito para exprimir o fato obscuro e inconfessável de que a paixão está ligada à morte e leva à destruição quem quer que se entregue completamente a ela.*” (p. 21) É como se o proibido fosse atraente e negativo e que o casamento, visto pelos olhos de um povo, fosse aceitável porque está de acordo com as normas de conduta de um povo. Segundo o estudo (p.22),

o mito, no sentido rigoroso do termo, se constituiu no século XII, isto é, num período em que as elites realizavam um grande esforço em prol da ordenação social e moral. Tratava-se de conter precisamente os impulsos do instinto destruidor: pois a religião, ao combatê-lo, aguçava-o ainda mais.

Em resumo o autor afirma que “o sucesso do Romance de Tristão foi, portanto, o de ordenar a paixão num quadro em que ela pôde se exprimir através de satisfações simbólicas.” (p.22) E ainda diz que a paixão:

é sempre perigosa também para a vida da sociedade. Ela costuma provocar, por parte da sociedade, uma ordenação equivalente. Disso resulta a permanência histórica, não mais do mito em sua forma primitiva, mas da exigência mítica que o Romance representava.

Rougemont (1988, p.24) relaciona o romance de Tristão e Isolda ao adultério e revela sua intenção para estudar o mito:

ele permite distinguir uma razão simples de nossa confusão atual. É porque permite também formular certas relações permanentes, sepultadas pelas vulgaridades minuciosas de nossas psicologias. É, finalmente, porque facilita descobrir determinado dilema cuja realidade nossa vida agitada, nossa cultura e os pruridos de nossas morais virtualmente nos fazem esquecer.

Contudo há uma contradição da cavalaria e das leis feudais segundo Rougemont (1988, p.30):

Com efeito, o "direito da paixão", no sentido que lhe é atribuído modernamente, permitiria a Tristão apoderar-se de Isolda, após terem bebido o filtro. Contudo, ele a entrega a Marcos: porque a regra do amor cortês opõe-se a que uma tal paixão "tenda para a realidade", isto é, culmine na "posse completa de sua dama". Tristão escolherá então, nesse caso, a obediência à fidelidade feudal, máscara e cúmplice enigmática da fidelidade cortês. Escolhe com plena liberdade, pois assinalamos acima que, sendo mais forte que o rei e os barões, poderia, no plano feudal que adota, fazer valer o direito de força...

Observamos também na colocação do estudioso que “o Romance ilustra um conflito de "religiões”” (p.30) e que o enredo serve para notarmos que o ser humano é dependente de convenções que o povo coloca para vivermos e convivermos e de como a história nos afeta, assim o autor afirma (p.31)

a verossimilhança de uma determinada obra romanesca depende da natureza das paixões que ela pretende despertar. Isto significa dizer que se aceitará o "dedo" do criador, assim como as distorções que ele inflige à "lógica" da observação corrente, na medida exata em que tais abusos proporcionarem os pretextos necessários à paixão que desejamos sentir.

Nessa perspectiva chegamos ao tema central dessa discussão: o amor. E assim sendo, os amados enfrentam todo um povo e vivem esse amor de alguma forma, entretanto, voltam a ter o conflito e assim, segue o ciclo do eterno amar, ainda “pode-se dizer que não perdem uma única oportunidade de se separar. Na falta de obstáculo, eles o inventam, como foi o caso da espada desembainhada e do casamento de Tristão. Eles se comprazem em inventá-lo — embora sofram.” (p.32).

Logo Rougemont nos coloca algumas questões sobre a origem desse mito: “qual é o verdadeiro tema da lenda? A separação dos amantes? Sim, mas em nome da paixão e do amor pelo próprio amor que os atormenta, para exaltá-lo e transfigurá-lo — em detrimento de sua felicidade e de sua própria vida...” (p. 32).

O amor visto é vivido de forma plena e está relacionado com o conflito de não se realizar e assim “amam, mas não se amam; pecaram, mas não podem arrepender-se, pois não são responsáveis; confessam-se, mas não desejam curar-se, nem mesmo implorar o perdão...” (p.33).

Rougemont continua (1988, p. 33):

Em verdade, como todos os grandes amantes, eles se sentem arrebatados "para além do bem e do mal", numa espécie de transcendência das nossas condições comuns, num absoluto inefável, incompatível com as leis que governam o mundo, mas que eles sentem como mais real do que este mundo. A fatalidade que os persegue, e à

qual se abandonam gemendo, elimina a oposição do bem do mal; ela chega a conduzi-los para além das origens de todos os valores morais, para além do prazer e do sofrimento, para além do domínio onde as coisas se distinguem e os contrários se excluem.

Tristão e Isolda vivem o romance apesar das condições impostas pelo casamento que a liga a outro homem e essa paixão que os arrebatava ultrapassa todos os riscos que possam percorrer em nome dessa aproximação ardente entre eles, no entanto, “o que os liga no "tormento delicioso" não pertence a nenhum dos dois, mas deriva de uma força estranha, independente das suas qualidades, dos seus desejos, ao menos conscientes, e do seu ser, tal como o conhecem.” (p.34).

O filtro aparece como símbolo para explicar o inexplicável, o momento exato em que duas pessoas se envolvem e se apaixonam, como se fosse uma fórmula mágica. A paixão só acontece quando o envolvimento se torna impossível e então Rougemont interpreta esse amar e desencontrar no seguinte trecho (1988, p. 34):

A "amizade" mencionada a propósito da duração do filtro é a antítese da amizade real. Ainda mais, a amizade moral só surge quando a paixão arrefece. E a primeira consequência dessa amizade nascente não é reforçar a união dos amantes, mas, ao contrário, mostrar-lhes que têm todo interesse em se separar.

Ainda (p.35),

Tristão e Isolda não se amam; eles o dizem e tudo o confirma. O que amam é o amor, é o próprio fato de amar. E agem como se tivessem compreendido que tudo que se opõe ao amor o garante e o consagra em seus corações, para exaltá-lo ao infinito no instante do obstáculo absoluto que é a morte.

A falta um do outro se relaciona diretamente com o amor. É que “precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro tal como cada um é; precisam mais da ausência que da presença do outro.” (p.35) O estudo contempla pensar a relação amorosa como algo desafiador, não é a felicidade que os amantes buscam, mas o conflito que ele gera, mesmo inconscientemente. Conforme o autor (1988, p. 35):

a separação dos amantes resulta assim de sua própria paixão e do amor que têm por sua paixão, mais do que seu contentamento, mais do que seu objeto vivo. Daí os obstáculos multiplicados pelo Romance; daí a indiferença espantosa destes cúmplices de um mesmo sonho em que cada um deles permanece só; daí o crescendo romanesco e a mortal apoteose.

O amor é absolutamente um sofrimento pois, quando o amor acontece, se criam conflitos para que ele não se realize completamente. O obstáculo existente se torna mais forte do que o próprio sentimento e por isso, os extremos infelizes se tornam realidade, pode-se morrer de tanto amar. Como aborda Rougemont a respeito do romance de Tristão e Isolda (1988, p. 38):

essa preferência dada ao obstáculo desejado era a afirmação da morte, um passo em direção à Morte! Mas uma morte de amor, uma morte voluntária, depois de uma série de provas que purificarão Tristão; uma morte que seja uma transfiguração e não um acaso brutal. Portanto, trata-se sempre de conduzir a fatalidade exterior a uma fatalidade interior, livremente assumida pelos amantes: É a redenção de seu destino que eles alcançam ao morrerem por amor; é uma vingança contra o filtro.

A partir disso percebemos o sentido que se dá ao mito visto que ele leva ao sofrimento, ao não realizado e como, por fim, a morte parece ser a única solução para que o amor não termine, mesmo que não o vivenciando inteiramente. O mito e logo, o filtro explicam na história de Tristão e Isolda as limitações que o amor atinge. Assim, “o sentido real da paixão é de tal modo assustador e inconfessável que os que a vivem não podem tomar consciência de seu objetivo, e os que pretendem descrevê-la em sua espantosa violência têm de recorrer à linguagem enganadora dos símbolos.” (ROUGEMONT, 1988, p. 38).

Esses símbolos, como descreve o autor são maneiras de colocar o amor acima de tudo, até das regras impostas pela sociedade e mais, pelo julgamento que o ser humano tem sobre si e a relação que tem com o mundo que o cerca e a magia como bem observa o estudioso (1988, p.39):

Trata-se de descrever uma paixão, cuja violência fascinante não pode ser aceita sem escrúpulos. Ela parece bárbara em seus efeitos. Ela é proscrita pela Igreja como um pecado; pela razão, como um excesso mórbido. Só é possível admirá-la, portanto, na medida em que tenha sido liberada de qualquer espécie de ligação visível com a responsabilidade humana.

E significa o filtro (p.39):

Que é, então, o filtro? É o álibi da paixão. É o que permite aos infelizes amantes dizerem: "Bem veem que não é culpa minha, bem veem que é mais forte que eu." E, no entanto, vemos perfeitamente que, em virtude dessa fatalidade enganadora, todos os seus atos são orientados para o destino mortal que amam com uma espécie de ardilosa determinação, com uma astúcia infalível, tanto mais que pode furtar-se ao julgamento.

O mito possibilita aos que amam justificarem-se segundo os atos que não são tão elogiáveis. O romance cerca-se de atos que nem sempre são aceitos por todos e por isso, gera muitos conflitos para sua realização. O amor busca a felicidade, mas ao mesmo tempo é egoísta perante o outro. E assim, questionamos “por que preferimos a narrativa de um amor impossível a outra qualquer? É que amamos a ardência e a consciência do que arde em nós. Ligação profunda do sofrimento e do saber. Cumplicidade da consciência e da morte!” (ROUGEMONT, 1988, p.42).

Se as histórias de amor nos trouxessem somente harmonia não esperaríamos os enredos conflituosos das histórias nos livros (p.42),

o que amamos é o romance, isto é, a consciência, a intensidade, as variações e os adiamentos da paixão, seu crescendo até a catástrofe — e não sua chama fugaz. Consideremos nossa literatura. A felicidade dos amantes só nos comove pela expectativa da infelicidade que os ronda. É necessária esta ameaça da vida e das realidades hostis que a afastam para longe. A saudade, a lembrança, e não a presença, nos comovem.

No texto *A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda*, de José Miguel Wisnik, encontramos um estudo importante sobre o mito do amor irrealizado. O autor inicia mostrando a influência que teve o romance de Tristão e Isolda para a posterior tradição das histórias de amor na Literatura universal e “serviu para fazer do tema um clichê de larga incidência no romance romântico e nas novelas de massa (onde se desfaz, no entanto, a trama de implicações sociais, existenciais e religiosas que o originou)” (p. 195).

Em relação ao tema Wisnik relaciona o romance com “paixão e morte, amor, casamento e adultério; amizade, sexo e desejo”. Sintetiza o mito do amor no que há de

contraditório antitético entre paixão e casamento que faz com que duas coisas estejam sempre no lugar oposto: quando namoram, fogem ao casamento; quando se casam, o marido parte; quando volta, a esposa morreu. A fuga ao casamento denuncia um dos enigmas do sentido da paixão entre Tristão e Isolda. O herói nasce desse enigma, e o encontro em que é gerado antecipa a futura morte dos amantes.

O estudo aborda o filtro e a duração que pode ter essa paixão, que no caso de Tristão e Isolda subverte a morte, logo a relação do filtro é de encantamento e aceitação do outro como bem aborda Wisnik (1987, p.204):

É um momento delicado em que os amantes, colocados pela flutuação das vontades diante da imperfeição do outro (que implica a própria), e cessado o mágico encanto dado pela potência divina do entusiasmo (etimologicamente: endeusamento)

passional, ou se desiludem, ou convertem a paixão numa relação amorosa baseada na aceitação do limite e da carência.

O próprio Wisnik, no seu estudo cita Rougemont e questiona igualmente fatos como o de Tristão que renuncia a Isolda em nome da lealdade pelo rei e de como mesmo vivendo na mata, não conseguiram ultrapassar os conflitos que os separaram novamente, “que segredo o amor ocidental guarda sobre si mesmo que o faz viver intensamente da sua impossibilidade?” (Wisnik apud Rougemont, 1987, p. 208).

A relação de amor e casamento é evidenciada por Wisnik que explica (1987, p.209):

A narração se faz da perspectiva dos apaixonados, da lei do amor contra a do casamento. Antes de mais nada, contra o casamento como jogo entre homens, movido por interesses financeiros e políticos, ocasião senhoril de enriquecer e anexar terras dadas ou previstas em herança (ao que seguia facilmente o repúdio à mulher).

A paixão é enaltecida na relação dos amantes e caracterizada como uma (p.213)

paixão que oscila entre o encontro e a separação dos amantes porque o impulso erótico que ela desencadeia clama por uma união absoluta para além da limitação dos corpos, sacudindo e despertando a alma esquecida, que se descobre como prisioneira das formas criadas pela intrusão demoníaca, da Noite e da matéria.

O estudo também contempla a reflexão sobre o pensamento ocidental no que diz respeito ao amor e ao casamento e de como há um enraizamento de regras impostas pelo Cristianismo para inibir a forma de vivenciar um amor com mais liberdade, sem concessões, perante o sentimento para com o outro. Sobre essa questão Wisnik (1987, p.220) observa:

Onde os opostos não se excluem, deverá desaparecer o lugar que deu origem ao prestígio absoluto da paixão amorosa no Ocidente; gerada no interior de uma moral que proíbe o sexo e condena o corpo, ela perde a sua primazia e o estrelato que desfruta, se desloca.

Por fim podemos apontar, segundo o estudo, “a impossibilidade da plena realização do encontro amoroso” pois o amor de Tristão e Isolda é um “extravasamento, uma excedência que os faz, mais do que se amarem um ao outro, serem presas do amor, “o amor do amor”, num grau de narcisismo para além do espelhamento pessoal” (p. 210) e ainda completa (WISNIK apud ROUGEMONT, 1987, p. 210):

Eles se amam, mas não se amam (são “vítimas” de um poção mágica, “sofrem” tautologicamente a paixão, confessam-se mas não querem curar-se, nem buscam o perdão). Sentem-se arrebatados para além do bem e do mal numa espécie de transcendência das nossas condições comuns, num absoluto indizível incompatível com as leis do mundo, mas que eles sentem como *mais real que este mundo*.

O amor acontece na sua plenitude e no seu encantamento inexplicável entre conflitos e, logo, é abordado nos romances até os dias de hoje. Dessa forma, encontramos no amor irrealizado da obra *A mulher habitada* um estudo interpretativo que aborda amores revolucionários e que apontam alguns aspectos vistos na narrativa.

4.4 O amor impossível no romance *A mulher habitada*

Podemos relacionar o mito do amor à história de Lavínia e Felipe assim como de Itzá e Yarince porque a relação amorosa dos dois casais está ligada diretamente a costumes da época em que viveram e à ideia de irrealização amorosa.

Mesmo com as mudanças que estavam acontecendo no mundo, na segunda metade do século passado o casamento também era visto como possibilidade, para os cristãos, (porque era visto assim, pela Igreja) de procriarem-se e o amor fora do casamento era tido como paixão e pecado.

O mito do amor, que é encabeçado pela história de Tristão e Isolda, se opõe ao casamento tradicional. Em relação à tradição Priore (2007, p. 126-127) destaca:

A bem dizer, atrás da concepção cristã do casamento havia a hebraica. Ambas preocupadas em eliminar o amor-paixão do casamento e a impor à mulher obediência ao marido. O marido não estava lá para fazer amor, mas para comandar. A maior parte das esposas tinha um marido que nem sempre fora desejado, que lhes era imposto sem consulta. Esse marido era chefe e mestre, a quem mais se sujeitavam do que ao pai e irmãos. O lugar do amor restringia-se, portanto, à literatura.

O amor paixão acontece fora do casamento e ele está ligado a atitudes ditas erradas dos amantes. A elite ocidental está exposta às aparências e convenções da sociedade. Regras essas que medem o amor conjugal no viés de status e dinheiro.

No romance de Gioconda Belli o casamento, o amor e as atitudes das personagens frente a essas questões são pertinentes a nossa interpretação. O amor irrealizado de Tristão e Isolda é o ponto de partida para a discussão da paixão no ocidente “em que os apaixonados se amam loucamente e morrem de amar, contra tudo e todos, contra o mundo.” (WISNIK, 1987,

p. 195).

Em um primeiro momento vimos nas personagens principais do romance: Itzá e Lavínia, uma incrível ligação com o amor e ao mesmo tempo uma resistência a vive-lo plenamente.

Para Lavínia o começo de tudo se deu no primeiro emprego que conseguiu na sua volta a Fáguas. No primeiro dia de trabalho conheceu Felipe no escritório de arquitetura. Ele, seu colega de trabalho e a pessoa que seria responsável por lhe mostrar o funcionamento do escritório. A impressão que tivera do homem que seria seu chefe naquele emprego foi de estranheza como podemos perceber nesse trecho:

O homem estava de pé no meio da sala, com ar de edifício bem construído. Apertou sua mão com força. Lavínia notou seu antebraço musculoso, os nervos, a camada de pelo negro quase púbico. Era mais jovem que Solera [o chefe – grifos meus] e a olhava de maneira divertida, enquanto o outro fazia referências sobre sua preparação acadêmica, as vantagens de contar com uma mulher no time e explicava para ela o papel de Felipe como arquiteto coordenador, encarregado de designar e supervisionar todos os trabalhos. (BELLI, 2000. p. 16).

Itzá, por sua vez, enquanto descobre a passagem de tempo até sua reencarnação em árvore lembra de Yarince, seu grande amor, um índio de outra tribo e por quem havia renunciado às tradições de seu povo. A índia se questiona sobre o amado “onde está Yarince? Estará talvez albergado em outra árvore ou percorrendo o céu como pirilampo, ou transformado em beija-flor? Ainda me parece ouvir seu grito, aquele grito longo e desesperado perfurando o ar como uma flecha envenenada.” (BELLI, 2000, p. 20-21)

Lavínia era revolucionária em relação às regras impostas para o casamento e pensava na sua amiga Sara que havia casado recentemente (BELLI, 2000, p. 21-22):

Lembrava dela saindo da Igreja como uma nuvem vaporosa de tule, com um buquê de orquídeas na mão. As luvas longas. Reproduzir-se-ia pelos séculos dos séculos em netos barulhentos e gordos. Essa seria a vida. Mas as festas do clube a chateavam. Preferia outras diversões.

Sobre o casamento pensava que “talvez algum dia gostasse de casar. Mas não agora. Casar era limitar-se, submeter-se. Devia aparecer no caminho um homem muito especial. E talvez nem mesmo assim. Podia-se morar juntos. Não precisavam de papéis para legalizar o amor.” (2000, p.22)

Depois de algum tempo trabalhando juntos, Lavínia e Felipe percebiam que não era somente a arquitetura que os aproximava, existia uma atração. Sobre uma construção que

deixaria muitos moradores sem teto Lavínia percebeu que ele havia se sensibilizado com a opinião dela de resolver a questão sem prejudicar aquelas pessoas desfavorecidas.

O elemento do filtro que tanto frisamos no mito não aparece de forma concreta na história de Felipe e Lavínia, entretanto, acreditamos que o encantamento aconteceu quando se conheceram e o mistério que se transpôs no cotidiano do trabalho fez com que a paixão aflorasse. Esse mistério que ligou os dois fez com que se apaixonassem (2000, p. 34):

Felipe parecia ser um desses homens que brincam com a atração, fugindo da possibilidade de mergulhar na vertigem do abandono. Embora fosse difícil pensar que nada aconteceria. O jogo teria que acabar um dia. Os dois tinham escrito no olhar a noite de nudez na qual soltariam as amarras e naufragariam juntos. Mas talvez, pensou Lavínia, ele tivesse conceitos mais tradicionais, comprazia-se no adiamento, o galanteio, jogar um no outro, migalhas de pão como pombos de praça e bater asas quando a proximidade inevitável os aproximava às cinco da tarde, a hora de se separar.

Finalmente, depois de ter combinado com um amigo de ir a um bar, Lavínia encontra Felipe e por “um momento perdeu a concentração, surpresa de vê-lo ali, no meio da fumaça e da música estridente”. A arquiteta ficou feliz ao encontrá-lo e “continuou dançando”, no entanto, “ver Felipe olhando-a de longe, estremeceu-lhe as pernas”. A sedução tomou conta do momento então ela “dançou para ele pretendendo não vê-lo, ciente de que o fazia para provocá-lo, desfrutando do exibicionismo, a sensualidade da dança”. (p.37)

Em seguida Felipe tomou a iniciativa e a convidou para dançar e a emoção do primeiro contato físico entre os apaixonados ficou evidente quando ele “a segurou contra seu peito largo, apertando-a suavemente. Podia sentir os cabelos negros e abundantes através da camisa. Começaram a se mexer. As peles confundidas. As pernas de Lavínia grudadas às calças de Felipe.” (BELLI, 2000, p. 37)

Lavínia estava apaixonada (BELLI, 2000, p. 39):

Fechou os olhos. Ela também gostava de Felipe. Ela queria que isto acontecesse. Uma e outra vez repetido a si mesma que algum dia teria que acontecer. Não iam passar a vida inteira em olhadas no escritório. Tinham esse algo de animais se cheirando, as emanções do instinto, a atração elétrica, inconfundível. Não pensou mais. Não podia. As ondas sua pele a envolviam.

E os dois se entregaram à paixão (p. 39):

Entraram na casa no meio da escuridão. Tudo aconteceu com grande rapidez. As mãos de Felipe subiam e desciam pelas suas costas, deslizando-se para todas as fronteiras do seu corpo, multiplicadas, vivazes, explorando-a, abrindo caminho

através do estorvo da roupa. Ela se escutou responder na penumbra, ainda ciente que uma região de seu cérebro procurava entender o que estava acontecendo sem conseguir, cega pela pele formando marés de estremecimento.

Sobre essa entrega à paixão, Itzá, a narradora-personagem, descrevia e pensava sobre as contradições do seu povo com os dias atuais. O olhar da índia confrontava a cultura do povo indígena com a cultura dos colonizadores europeus e as lembranças de Yarince floresceram. A índia descreveu (BELLI, 2000, p.40-41):

Hoje veio um homem. Entrou com a mulher. Pareciam presas de filtros amorosos. Amaram-se despidoradamente como se tivessem se contido durante muito tempo. Foi como voltar a vive-lo. Viver outra vez a fogueira de Yarince atravessando a lembrança, os galhos, as folhas, a carne terna das laranjas. Mediram-se como guerreiros antes do combate. Depois entre os dois não houve mais nada do que a pele. A pele dela fazia crescer as mãos para abraçar o corpo do homem sobre ela; seu ventre abria como se quisesse aninha-lo, leva-lo para dentro, fazê-lo nadar em seu interior para voltar a dá-lo à luz. Amaram-se como nos amávamos Yarince e eu quando ele voltava de longas explorações de muitas luas. Uma e outra vez até ficar exaustos, estendidos, quietos naquela confortável colcha. Ele emanava fortes vibrações. Rodeia-o um halo de coisas ocultas. É alto e branco que nem os espanhóis.

A descrição que a índia faz nos mostra a força da paixão de ambos os casais. A relação com o corpo na intimidade dos amantes também é perceptível e Itzá reitera o amor “sem contornos e inibições” e lembra que “assim amava a ‘nossa gente’ antes que o deus estranho dos espanhóis proibisse os prazeres do amor.”

A religião citada pelos críticos influenciou diretamente as formas de amor em relação ao prazer. O Cristianismo criou o casamento como um sacramento que impunha regras e inibiu a paixão na sua essência. Na narrativa percebemos nas personagens reflexões acerca do amor comedido de Sara, amiga de Lavínia, assim como a negação de Lavínia a um relacionamento que a deixasse refém das escolhas de Felipe.

A relação de Lavínia com Felipe a partir da entrega à paixão tomou um rumo mais íntimo, apesar de não ter definições para o que estavam vivendo.

O conflito na vida amorosa de Lavínia e Felipe iniciou quando ela começou a desconfiar dos mistérios que rondavam a vida do namorado. Telefonemas suspeitos e saídas inesperadas no meio do expediente. Em um dos seus combinados ela o esperava ansiosamente e Felipe não aparecera “o mau humor começou a invadi-la. Mas tentou não se impacientar, pensando nos problemas do transporte, atrasos possíveis. Ao menos devia ter ligado, disse para si, anunciar que chegaria mais tarde.” (BELLI, 2000, p. 57)

Lavínia começou a se questionar sobre o que poderia gerar tamanho atraso e então desistiu de espera-lo e foi dormir, “não existia entre eles nenhum compromisso; nada que desse “direito” de indagar. Ela resistia ao amor e nesse trecho reflete sobre os conselhos da tia sobre os homens:

Os homens eram caprichosos e impenetráveis. Noite fechada com estrelas. As estrelas eram os resquícios por onde a mulher olhava. Os homens eram a caverna, o fogo no meio dos mastodontes, a segurança dos peitos largos, as mãos grandes segurando a mulher no ato do amor; seres que desfrutavam da vantagem de não ter horizontes fixos, ou os limites dos espaços confinados (BELLI, 2000, p.58).

Lavínia “tinha dor de cabeça e se sentia profundamente triste, traída, furiosa consigo mesma, com sua facilidade de construir castelos de areia, seu romantismo.” (p. 59) Ela acabou adormecendo na frustração do desencontro.

No meio da noite ao despertar com batidas na porta da sua casa ela descobre que é Felipe que suspeitosamente traz consigo um amigo ferido. Dessa forma “ela entendeu, finalmente, as ligações misteriosas de Felipe, suas saídas. Não podia ser outra coisa, pensou, sentindo o terror subir pelo seu corpo, tentando se tranquilizar pensando que não deveria chegar a conclusões tão rapidamente”. (p. 62)

Logo ela percebeu que havia algo errado naquele homem baleado em sua casa e, por eles não terem chamado a polícia e nem procurado um hospital. Não demorou muito para Felipe esclarecer o que de fato estava acontecendo e dessa forma Lavínia descobriu que ele estava envolvido com a clandestinidade.

A história se passa nos anos 70 e Fáguas era governada por militares ditadores e, há alguns anos, o povo que era contra o governo opressor, criou a força armada para tentar tirar o país das mãos desse governo. Felipe fazia parte da luta armada.

A partir da história que Felipe revelava a amada, Lavínia percebeu que faziam um pacto de confiança e então “ajeitou-se ao seu lado e guardou silêncio. Não queria perguntar. Tinha medo. Pensou que seria melhor não saber nada. Em Fáguas era melhor não saber nada; mas Felipe falava”. (p. 65) No dia seguinte, ao saberem que mais amigos tinham sofrido um ataque dos militares que levou a morte dos militantes, Felipe “calou-se. Estendeu o braço para abraçá-la, como se tivesse ficado vazio e precisasse de outro ser humano para não escorregar no buraco negro, profundo, de desesperança.” (p. 67)

A descoberta da clandestinidade de Felipe assustou Lavínia, era um mundo distante para ela. Nunca havia pensando em se envolver com a política. Ela pensou (p.67-68):

Vê-los sair de sua casa. Ficar sozinha, tranquila outra vez. Esquecer que isto tinha acontecido. Mas ficava com vergonha de mostrar a Felipe o desejo de vê-lo ir embora com o amigo ferido. Não o olhava. Continuava apoiada em seu peito, enquanto ele embaraçava as mãos em seu longo cabelo e ela podia sentir a tensão de seus braços, seus músculos endurecidos.

Lavínia “não podia ser romântica agora, disse para si, a relação com Felipe não tinha por que envolvê-la. Não era um jogo. Era sangue e morte real.” (p.70) Enquanto isso, Itzá já havia penetrado no sangue de Lavínia através do suco de laranja e estava decepcionada da forma como a arquiteta agia perante a situação que estava a acontecer com Felipe. Ao contrário de Lavínia, a índia não hesitou em seguir junto com Yarince entregue completamente à paixão. Itzá observa que Lavínia “agarra-se ao seu mundo como se o passado não existisse e o futuro fosse só um tecido de cores brilhantes.” (p. 72)

A partir desse acontecimento Lavínia começa a se interessar pelo assunto e conhece uma companheira da luta armada que é enfermeira. Escondida de Felipe ela conhece a maneira como o grupo funciona, os objetivos reais e se torna adepta à luta armada. Dessa forma ela nega o sentimento por Felipe apesar de não conseguirem evitar o romance, no entanto ela não confia o envolvimento dela nas estratégias do grupo.

Itzá recorda os conselhos de Yarince em relação ao medo, dizia ele que “o medo é um mau conselheiro” (p.72) E por isso, a índia não compreendia Lavínia por ter ela própria se tornado uma guerreira na luta contra os espanhóis em defesa do seu povo. Mesmo com toda coragem Itzá “olhava, escondida, de algumas moitas porque não era permitido às mulheres estar presentes nos ofícios dos sacerdotes”. Mesmo assim a guerreira indígena desejava transpassar para Lavínia a força da mulher que fora no passado, Belli (2000, p. 72):

Ah, como teria desejado sacudi-la; fazê-la compreender. Era como tantas outras... tantas que conheci. Temerosas. Acreditando que assim guardavam a vida. Tantas que terminaram tristes esqueletos, servas nas cozinhas ou decapitadas quando se rendiam de caminhar ou naqueles barcos que zarpavam para construir cidades longínquas levando nossos homens e elas para as necessidades dos marinheiros.

E quando, finalmente, Itzá consegue influenciar os pensamentos de Lavínia, a mesma se sente culpada por não ter apoiado Felipe desde o começo no Movimento. Itzá afirma Belli, (2000, p.75):

Reconheço meu sangue, o sangue dos guerreiros em Felipe, no homem que jaz no quarto de Lavínia, revestido de serenidade e com atitude de cacique. Só ela se

bamboleia como a mecha no óleo e não pode me conter dentro de seu sangue, tive que chamá-la, esconder-me no labirinto de seu ouvido e sussurrar.

Itzá por estar distante do corpo de mulher refletia sobre a vida que levava com Yarince e se perguntava por que o simples fato de ser mulher fazia com que não pudesse ter as mesmas funções ao lado do amado (p.89):

Eu era forte e minhas intuições, mais de uma vez, nos salvaram de uma emboscada. Era dócil e frequentemente os guerreiros me consultavam sobre os seus sentimentos. Tinha um corpo capaz de dar vida em nove luas e suportar a dor do parto. Eu podia combater, ser tão hábil como qualquer um com arco e flecha e, além disso, podia cozinhar e dançar para eles nas noites plácidas. Mas eles não pareciam apreciar estas coisas. Deixavam-me de lado quando tinham que pensar no futuro ou tomar decisões de vida e morte. E tudo por aquela fenda, essa flor palpitante, cor de nêspera, que tinha entre as pernas.

Dessa forma observamos como, apesar de viverem em épocas diferentes, vivem o mesmo conflito amoroso a partir das mulheres revolucionárias que se tornaram. Seus amados não compreendem o papel igualitário que podem desempenhar dentro do grupo e isso acaba por afastá-los.

Entendemos que o amor não é linear e nem objetivo, portanto a não aceitação do espaço do outro para as personagens da narrativa se torna um empecilho para o amor se realizar na sua plenitude. É fato que eles estão apaixonados, mas esses fatores externos acabam por amargurar os corações dos amantes.

Felipe e Lavínia falavam pouco sobre o Movimento e principalmente as informações sobre a clandestinidade que já aguçavam a curiosidade da arquiteta. Lavínia gostaria de saber mais, se tornar útil para ajudar os companheiros que lutavam pela liberdade do país, no entanto, “Felipe havia aceitado com mansidão demais os seus medos, seus argumentos de que era melhor manter cada coisa em seu lugar, não contaminar a relação com discussões e ações que eram próprias de opções individuais.” (p.106) E isso a deixou decepcionada em relação a ele.

A partir de então se formou uma barreira entre o casal pois Lavínia acreditava que seu amado queria deixá-la de fora das decisões importantes da sua vida. E isso a angustiava, vivia na incerteza no futuro do romance. (2000, p.107):

Estava com um homem que pertencia a propósitos que em nada se pareciam aos dela. Um homem, que, obviamente, a considerava só um “remanso amável” de sua vida. Um homem que poderia desaparecer qualquer dia, engolido pela conspiração. Devia deixá-lo, pensava. Mas não podia.

O sentimento estava mais forte a cada dia e ela não conseguia se desvencilhar do que sentia intensamente por Felipe, “se antes a atraía, agora a atração era dupla.” A paixão agora também se transformara em admiração, um certo heroísmo da parte de Felipe, nessa missão de reconstruir o país às custas da própria sorte:

O halo de mistério e perigo a atraía muito. Não queria ficar à margem, mas também não se atrevia a dar o salto mortal. Talvez se ele insistisse ela consideraria. Às vezes desejava que o fizesse. Perguntava-se se ela não deveria dar mais à vida que independência pessoal e casa própria. Mas Felipe evitava qualquer referência e ultimamente quase não o via. (BELLI, 2000, p.107).

As dúvidas de Lavínia só aumentavam. Ela não tinha o controle da situação e quem sabe nunca o tivera. Das rebeliões que aconteciam em Fátguas sabia que Felipe estava envolvido, ele “participava daquelas revoltas, estava certa; quanto a ela, só restava naqueles dias esperar por ele lutando em seu interior, tentando não sentir que o amor se tornava angústia e opressão.” (p.108) Ela não queria que Felipe se tornasse tão importante a ponto de ela direcionar sua vida a vida dele. Ela reflete sobre isso nesse trecho, Belli (2000, p. 109):

Não podia reclamar que ele a utilizasse para satisfazer sua necessidade de homem comum de ter um espaço de normalidade em sua vida: uma mulher que o esperasse. Fazê-lo significaria tomar uma decisão para a qual não estava nem convencida, nem madura; ou deixá-lo de uma vez. Não se decidia pelas alternativas e a falta de decisões a submetia à espera.

Apesar de sempre desejar a liberdade e a independência, o destino reservou para Lavínia um amor improvável e incompreensível. Ela não conseguia explicar o que a aguardava e isso a deixava insegura. O amor não é palpável. Ele até mesmo é controverso e assim, “pensava como era paradoxal para ela desejar agora segurança e estabilidade, o tradicional, em uma relação que não permitia mais futuro que o instante.” (p. 110-111).

Felipe não costumava falar sobre o futuro. Os homens, aliás, não costumam debater sobre seus sentimentos de forma aberta. Parece um enigma, algo a ser descoberto ou decifrado. O presente parecia satisfazer Lavínia, mas o amanhã era incerto para o amor que sentiam um pelo outro:

Felipe tinha lhe advertido sobre as possibilidades de ter de “passar para a clandestinidade” em algum momento. Ela lhe respondeu citando um soneto de Vinicius de Moraes, o poeta e compositor brasileiro, sobre o amor” que não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”, defendendo a

beleza do instante, de viver o presente. Mas tinha que reconhecer a dificuldade que era viver com o futuro submerso na incerteza, sem ser parte do propósito, sem poder partilhar as inseguranças com ninguém. (BELLI, 2000, p. 111).

Finalmente Lavínia iniciou suas atividades para ajudar o Movimento, no entanto não falou nada a Felipe. Acreditava que sua maneira de a proteger do perigo era, de certa forma, dizer que ela não era capaz de entrar na luta contra o governo opressor. Lavínia se aproximou cada vez mais dos companheiros de luta e não compartilhava das suas decisões com Felipe.

Todos os atrasos de Felipe desde então se tornavam longas esperas de notícias que poderiam não ser boas. Ele correria riscos e não contava suas aventuras com a guerrilha para Lavínia.

Enquanto observava a vida de Lavínia, Itzá relembra o dia em que conversou com Yarince sobre o romance que seria impossibilitado por ela. A índia acreditava que, se não tivesse filhos, não colocaria a próxima geração escrava dos invasores espanhóis. Assim, ela renunciou ao grande amor que sentia para se tornar somente a companheira de guerrilha de Yarince. (BELLI, 2000, p. 137). No trecho a seguir podemos observar o jogo de amor que o casal tinha:

Tirei sua mão da minha cintura e escorreguei para mais longe, para o fundo da caverna. Yarince veio em minha direção acreditando que se tratava de um jogo para excitar mais o seu desejo. Beijou-me sabendo como os seus beijos eram licor em meus lábios; me embriagavam.

Beijei-o. Em mim surgiam imagens, água dos estanques, ternas cenas, sonhos de mais de uma noite: um menino guerreiro, rebelde, sem rendição, que nos prolongasse, que se se parecesse com os dois, que fosse um enxerto dos dois carregando os mais doces olhares de ambos.

Afastei-me antes que seus lábios me vencessem.

Em seguida Itzá revela sua decisão (p. 137-138):

Disse: Não, Yarince, não. E depois disse “não” de novo e disse o das mulheres de Taguzgalpa, de minha tribo, não queríamos filhos para as capitâneas, filhos para as construções, para os navios; filhos para morrer despedaçados pelos cachorros se fossem valentes e guerreiros.

Olhou-me com olhos enlouquecidos. Retrocedeu. Olhou-me e foi saindo da caverna, olhando-me como se tivesse visto uma aparição terrível. Depois correu para fora e houve silêncio. Só se escutava o crepitar dos galhos na fogueira, morrendo acesos.

Mais tarde escutei os berros de meu homem.

E mais tarde ainda regressou arranhado de espinhos.

Essa noite choramos abraçados, contendo o desejo de nossos corpos, envoltos em um pesadelo disfarce de tristeza.

Negamo-nos a vida, a prolongação. A germinação das sementes.

As dúvidas que pairavam no pensamento de Lavínia eram também questionamentos

que Itzá fazia em relação ao envolvimento na guerrilha contra os espanhóis. Yarince e o grupo gostariam que ela ficasse de fora das lutas, mas ela os convencia a ir e defender seus ideais de liberdade. “Convenci-os. Consegui que me colocassem na formação, um lugar protegido de onde disparavam flechas envenenadas, lembrava Itzá.” (BELLI, 2000, p. 143). No entanto, Yarince gostaria de evitar a exposição ao perigo e ao mesmo tempo a achava muito valente.

Lavínia pensava sobre o amor e suas diferenças de opinião em relação a Felipe: “Era “coisa de mulher” se perguntar sempre pelo amor. Por que seria tão difícil para os homens reconhecer a necessidade, a importância histórica do amor, pensou”. Apaixonada, ela imaginava que Felipe aceitaria suas escolhas de se envolver no grupo clandestino:

Ao seu tempo, Felipe reconheceria ter se enganado com ela; ter agido de maneira egoísta. Ela admirava a sua inteligência, a sua honestidade. Não podia negar seus esforços em superar a resistência masculina a dar ao amor seu lugar embora o confinasse na tradição. Tinha seu aspecto de duende brincalhão e feliz, seu lado amável, iluminado, que ela amava. Era triste vê-lo preso a esquemas e comportamentos dissonantes que contradiziam o desenvolvimento adquirido em outras áreas de sua vida. (BELLI, 2000, p. 145).

Com o passar dos dias, depois de ter acesso a todos os ideais do Movimento contra o general ditador, Lavínia continuou a sua rotina no escritório. E entre os acordos firmados de construções ela foi destinada a desenhar a nova casa do Gran-general. Nessa situação surgiu uma oportunidade de ajudar os companheiros da luta contra a opressão a dar informações sobre a vida do ditador. Iniciaram-se as visitas à casa da família do líder do governo e Lavínia ficava cada vez mais perto de descobrir manobras do general contra o povo de Nicarágua.

Sobre como encaram o amor Itzá diz:

O tempo não passa: ela e eu tão distantes poderíamos conversar e nos entender na noite de lua ao redor da fogueira. Incontáveis as perguntas sem resposta. O homem se escapa de nós, desliza entre os dedos como peixe em rio manso. Nós o esculpimos, o tocamos, o encorajamos, o ancoramos entre as pernas e ainda continua distante como se o seu coração fosse feito de outro material. Yarince dizia que eu queria a sua alma, que o meu desejo mais profundo era lhe soprar no corpo uma alma de mulher. (BELLI, 2000, p. 235).

Itzá dizia que para Yarince “o amor era bebida, machado, furacão”. Para ela “pelo contrário, o amor era uma força com dois gumes, um afiado e de fogo e outro, de algodão e de brisa.”

E com as diferenças que tinham, Lavínia e Felipe, brigavam constantemente. Até que ficaram semanas sem se falar, nem mesmo no escritório. E Itzá sentiu Lavínia triste e sozinha,

também revelou a distância que ela e Yarince tomavam quando o fracasso das batalhas era eminente. “O amor é só uma imperfeita aproximação à proximidade.” Ela “não podia acompanhar Yarince em sua desilusão cada vez que perdiam uma batalha e o isolamento ao que os submetiam se aprofundava”. (BELLI, 2000, p. 292). O conflito se criava, o amor estava relacionado à revolução.

E, como, afirmamos nos estudos da teoria amorosa, o amor está relacionado à morte. Os apaixonados vivem juntos, em conflito, nesse caso, pela liberdade de sua terra, e acabam morrendo por amor a seu país. Nesse trecho, a índia, relembra a sua morte, lutando ao lado de Yarince.

Senti o golpe nas costas, um calor espesso que me paralisou os braços. Foi um instante. Quando abri os olhos de novo, já não estava no meu corpo: flutuava a pouca distância da água, vendo-me sangrar, vendo meu corpo ir também abaixo. Escutei os gritos de alerta dos espanhóis e de repente, dentre as árvores da margem, onde pela última vez eu vi Yarince, escutei aquele grito longo e profundo de homem, ferido, por minha morte. (BELLI, 2000, p. 335-336).

O plano do movimento era entrar na casa do general, no dia da inauguração, e fazer uma emboscada para ele se render a pedidos dos manifestantes em relação ao povo oprimido no país pela ditadura que já durava anos. Lavínia somente ajudara o grupo a dar informações sobre a nova casa e o dia da festa. Ela não estava autorizada a participar da invasão.

Felipe era o líder do movimento naquela noite e comandaria o grupo a tomar a casa do general e seus convidados. Entretanto o planejamento não saiu como esperado e, a caminho da casa, Felipe foi atingido por uma bala de revólver e ficou gravemente ferido. Chegou na casa de Lavínia e ela, assustada, percebeu que seu amado estava morrendo. “Tinha que levá-lo ao hospital”.

E então Felipe explica a fatalidade para amada (BELLI, 2000, p. 344):

Foi um taxista quando lhe disse que me entregasse o carro. Pensou que eu fosse um ladrão. Atirou à queima-roupa. Disse para ele que era do Movimento tarde demais. Fiquei nervoso. Não pensei que estivesse armado. Falhei. Foi a minha própria estupidez! Se eu digo a ele antes, não teria atirado.

Em seguida Lavínia presenciou a morte de Felipe com toda a dor que pode passar ao ouvir ele dizer “amorzinho, amorzinho”, “você é uma mulher valente, sabia;” e então chegou o momento derradeiro, de uma dor imensurável (BELLI, 2000, p. 346):

Não!, estive a ponto de gritar. Não!, disse para a solidão da noite. Não pode ser,

começou a dizer em voz alta. Felipe, começou a dizer em voz alta. Felipe, não morra, disse para ele. Felipe, por favor, volta. Felipe, Felipe! E a voz ia se desesperando sem que ele se mexesse, sem que ele tentasse acalmá-la, dizendo “não fica assim, Lavínia se acalme”.

E assim, também Yarince tinha morrido, pelo país, pela liberdade, pela revolução, por não aceitar a dominação espanhola na sua terra. Atirou-se de um penhasco antes que os espanhóis o pegassem:

“Não me possuirão”, gritou para os barbudos que o olhavam assustados. “Não se tornarão donos de uma só fibra de meu corpo.”
 “Itzá!”, gritou, tirando-me para sempre de meu sonho, e se jogou no espaço, sobre as rochas, que se encarregaram docemente de dispersá-lo. Os conquistadores jamais conseguiram recuperar nem sequer um vestígio de se corpo: essa terra de meus cantares, território amado se negando para sempre ao invasor. (BELLI, 2000, p. 373).

Lavínia ficou no lugar de Felipe a pedido dele antes da morte. Ela comandaria a entrada na casa do general. Ele finalmente havia reconhecido a bravura de Lavínia e a busca dela por um país com mais igualdade.

E na invasão a casa do ditador ela ficou de frente com ele. Pensou em todos os medos que tinha enfrentado, pensou em Felipe, em um futuro mais próspero para as novas gerações. No entanto, o general estava armado e atirou sem hesitar na revolucionária. Ela “sentiu o golpe no peito, o calor que a inundava,” e então “permitiu que a morte a alcançasse” (BELLI, 2000, p. 397).

Itzá narra o momento em que ela deixa de habitar o corpo de Lavínia quando diz que “completou um ciclo: o destino de semente germinada, o desígnio de meus antepassados. Lavínia agora é terra e húmus. Seu espírito dança no vento das tardes. Seu corpo fertiliza campos fecundos. Do seu sangue viu a vitória dos ximiqui justiceiros.” (BELLI, 2000, p. 397-398).

Itzá termina louvando o feito dos guerrilheiros, tanto, nos tempos de colonização espanhola como na ditadura, e enfatizando o amor, mesmo depois da morte (BELLI, 2000, p. 398):

Beija-flor Yarince
 Beija-flor Felipe
 Dançarão sobre nossas corolas,
 Fecundar-nos-ão eternamente
 Vivemos no crepúsculo das alegrias,
 No amanhecer de todos os jardins,

Logo veremos o dia pleno de felicidade.
Os navios dos conquistadores se afastando para sempre.
Serão nossos o ouro e as penas,
O cacau e a manga,
A essência dos sacuanjoches,
A flor nacional da Nicarágua,
Ninguém que ama morre jamais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Expressar em palavras como essa obra nos tocou é uma tarefa difícil. Desde a primeira leitura que trazia tão fortemente a mulher nos dois espaços de luta na sociedade, a invasão espanhola no século XVI e a ditadura no século XX, até o momento em que nos descobrimos encantadas pela relação de amor entre as personagens foi um processo instigante. A pesquisa possibilitou descobertas, a partir da interpretação, que nos motivaram a estudar sobre o mito do amor e, também, sobre toda a tradição literária de contar histórias de amor nos romances, desde Tristão e Isolda até os dias atuais.

A narrativa expressa através de amores não realizados, de encontros e desencontros, de lutas por uma sociedade mais igualitária, do encontro de culturas tão distintas (indígena e moderna) mas que no fundo absorvemos tanto dos índios no decorrer dos séculos para os nossos costumes. Sim, a Literatura oportuniza esses encontros.

Gioconda Belli valeu-se da sua experiência para nos contar a história de Itzá e Lavínia. A força da mulher e a entrega ao amor, mesmo que caracterizado pela impossibilidade, pela irrealização, pois a revolução que elas fizeram pelo seu país revela a capacidade da entrega pelo próprio amor e pela defesa da sua terra.

Antes disso a pesquisa em torno de estudos realizados sobre a obra nos remeteu ao feminino, logo, sabemos a importância que tem a escrita de Gioconda Belli para levantar questões como: a participação das mulheres na luta armada na América Latina, a história que obscurece a efetiva relevância da mulher em todos os segmentos da sociedade, a cultura enraizada que vê a mulher como cuidadora do lar e da família, e a necessidade de superar esse estereótipo.

Em todo o processo de pesquisa a perspectiva hermenêutica a que nos propusemos foi fundamental para que a interpretação fosse enfatizada de tal modo a nos proporcionar uma leitura profunda da obra e não um método de aplicação sobre o texto. O estudo sobre como se dá essa interpretação também foi fundamental para o nosso direcionamento como pesquisadoras. Para isso, estudiosos como Palmer, Bosi, Gadamer foram essenciais para entendermos a maneira como realizamos a escuta do texto e como a narrativa nos fez sentido no decorrer do processo interpretativo.

Em seguida pudemos, para a melhor compreensão do espaço e do tempo que estávamos desvendando, realizar uma pesquisa sobre a Nicarágua, um país distante do nosso contexto. Precisávamos entender a sociedade que Gioconda Belli mencionava com tanto fervor e esse contexto foi de suma importância para percorrermos a história do país desde a invasão espanhola com os astecas até o século XX, em que o país passou por tanta dificuldade por consequência da ditadura que durou muitas décadas.

Depois de lermos alguns estudos acerca da obra, observamos que as pesquisas se direcionam na maioria das vezes para a crítica feminista e, portanto, colocam as personagens Itzá e Lavínia em confronto com concessões sociais e luta pelo espaço mais igualitário em relação à mulher, nas suas respectivas épocas. Fatores que consideramos muito relevantes para o entendimento da obra.

A autora Gioconda Belli entrelaça sua vida de guerrilheira com as personagens mostrando diretamente experiências próprias na luta clandestina e deixando a narrativa interligada com muitos fatos que aconteceram na sua vida como pudemos observar em alguns pontos da autobiografia. O estudo sobre a terra habitada revela o quanto a narrativa faz uma defesa política e revolucionária do país em questão e o quanto aborda as lutas que se repetiram no restante da América Latina.

Dessa forma, no decorrer do nosso estudo descobrimos o amor que interliga toda a narrativa e de como as relações amorosas de Itzá e Lavínia diziam sobre a revolução e sobre a forma como viviam em sociedade perante todas as peripécias já reveladas na narrativa. O

amor impossibilitado através da revolução e do próprio amor que as duas personagens tinham pela sua terra. Amores que desafiariam a morte.

Milan, Rougemont e Wisnik nos colocaram à disposição estudos que muito nos auxiliaram a entender a teoria amorosa e que afirmaram as características ocidentais dos romances. A obra de Gioconda Belli mostra aspectos importantes de amores conflituosos e que encontram em algum acontecimento externo a impossibilidade da entrega completa ao amor. Os anseios de Itzá e Lavínia para encarar os obstáculos de viver um grande amor são percebidos no decorrer da narrativa. O amor existe, ele é forte, logo colocamos expectativas nessas relações amorosas.

O encantamento pelo Outro, o instante da paixão: são emoções que não podemos explicar. O mito traz o filtro para ilustrar a forma mágica que leva duas pessoas a se apaixonarem e nos mostra a estreita relação de amor e morte contida nas histórias dos apaixonados.

Enfim, a Literatura nos remete a esses sentimentos do humano, refletem o que somos ou que, de alguma maneira, gostaríamos de ser. Eis o nosso fascínio com o livro *A mulher habitada!*

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre. *Interpretação e compreensão: da hermenêutica metodológica à experiência hermenêutica como crítica e fundamento do saber filosófico. Princípios*. Natal, v.18, n.30, jul./dez. 2011, p.181-198.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: BARTHES, Roland et al. (Org.). *Análise estrutural da narrativa*. 7. ed. Petrópolis: Loyola, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad.: Sérgio Milliet. 4ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.

BELLI, Gioconda. *A mulher habitada*. Trad.: de Enrique Boero Baby. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *O país sob minha pele: Memórias de amor e guerra*. Tradução de Ana Carla Lacerda. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Poemas y otros escritos*. Red P/L@ - 1998-2002. Disponível em <http://bibliocomunidad.com/web/libros/Belli,%20Gioconda%20%20Poemas%20y%20otros%20escritos.pdf>. Acesso em 13 de outubro de 2016.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. “A linguagem como medium da experiência hermenêutica”. In: *Verdade e método I*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo horizonte. Editora da UFMG, 2008.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: *Tendências e impasses: o feminino como crítica literária*. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco Ltda, 1994.

LE MOS, Bethania Guerra de. *Sob o signo de Tláloc: construção identitária e memorial na obra de Gioconda Belli/ Bethania Guerra de Lemos*. – Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.

_____. *Habitada e habitante: o corpo feminino na obra de Gioconda Belli*. Revista Pandora Brasil - Nº 35 – Outubro de 2011 - ISSN 2175-3318 “O corpo como elemento poético: multiplicidade de leituras” Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/Poesia_corpo/bethania.pdf>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

MILAN, Betty. *O que é amor*. 7. ed São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção primeiros passos; 88).

NEPOMUCENO, Eric. *Nicarágua: um país acossado*. 1. ed. Porto Alegre: Editora L&PM Editores Ltda., 1985.

PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Trad. Maria L. Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2011.

PEREIRA, Nicole Montalvão. *As Mulheres e a Revolução Sandinista: a construção de uma Nova Hegemonia*. VII Congresso Internacional de História, 2015. Disponível em <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1159.pdf>. Acesso em janeiro de 2017.

PRIORE, Mary del. *Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno* Estudos de Religião, Ano XXI, n. 33, 121-135, jul/dez 2007. Acesso em 12 de fevereiro de 2017

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICHARD, Nelly. *A escrita tem sexo? Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Tradução: Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica: Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANTOS, Ana Cristina. *Gioconda Belli: história e reconstrução identitária*. Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura_ / V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2011.

STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção filosofia; 40)

TRISTÃO e Isolda. Tradução de Maria do Anjo Braamcamp Figueiredo. 6. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992. (Clássicos Francisco Alves)

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. 1. ed. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. – São Paulo: Editora Unesp, 2006.

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda. In.: *Os sentidos da paixão*. Organização de Sérgio Cardoso et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ZINANI, Cecil J. A. *Literatura e gênero: a construção da identidade feminina*. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

_____. *Nicarágua e Gioconda Belli: um diálogo possível*. *Revista de Letras*, São Paulo, v.44, n.2, p. 100 - 123, 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaEspanhola/artigos/art_zinani.pdf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2017.

CIP - Catalogação na Publicação

Leiffreit, Carla Regina

O caráter revolucionário das personagens femininas do romance
A mulher habitada : a perspectiva amorosa e a luta política /
Carla Regina Leiffreit. – 2018.

88 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz
do Sul, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Gai Eunice Terezinha Piazza.

1. Mulheres na literatura. 2. Feminismo e literatura. 3.
Heroínas na literatura. 4. Mulheres - Condições sociais. 5.
Feminismo. I. Eunice Terezinha Piazza, Gai. II. Título.